

Encarta: DACOSTAQ - DACOSTAQ

http://www.uiowa.edu/%7Eafricart/toc/people/Benin_Kingdom.html

Descrição da morte e coroação do obá, pg. 26, Edo.

Decrição do palácio, pg. 27

A semana dos Edo tem apenas 4 dias, o obá ora no quarto dia, pg.31

Ovonramwen, also called OVERAMI (d. January 1914, Calabar, Southern Nigeria [now Nigeria]), West African ruler who was the last independent oba (king) of the 500-year-old kingdom of Benin (in present-day Nigeria). **Ovonramwen** tried to maintain his independence in the face of increasing British pressure but was able to delay for only a few years the annexation of his kingdom by the colony of Nigeria.

He was called Idugbowa until he took the title **Ovonramwen** upon becoming oba. He succeeded to a kingdom much reduced by growing British commercial and colonial encroachment from its greatest extent (c. 1700). He attempted to seal Benin off from Europeans but by 1892 was forced to sign a protection treaty with the British administration. Disputes over trade along the Benin River (1892-94) led to a campaign against Benin; the murder of the British acting consul general in January 1897 precipitated a full-scale military expedition, which captured Benin City in February 1897. **Ovonramwen** surrendered to the British in August and died in exile.

Copyright 1994-1999 Encyclopædia Britannica

The last of the line of independent rulers, Oba Ovonramwen (d. 1914), witnessed the conquest of his kingdom by a British force in 1897 and was sent into exile. Obas are still enthroned by the Edo in the traditional manner, however.

In Grolier Encyclopedia

15 de Setembro de 1999

Assim está começando, sem título e sem destino certo, a não ser que Oufi, necessariamente, vai vir morar em Porto Alegre. Novo acréscimo: os nomes ainda são provisórios. Estou meio confuso quando à origem de alguns deles, se iorubanos ou de Benin. Obaro é a grande dúvida. Creio que é iorubano.. Vou tentar continuar a história assim mesmo e adiante vejo o que faço.

Em 26 de dezembro, por circunstâncias da história base do país, altero o nome do personagem Oufi e coloco o nome verdadeiro do pai do príncipe que, como dizia em 15 de setembro, virá morar em Porto Alegre e que se chamará, na ficção, Oufi. A narrativa desta página 2 se iniciou em 24 de dezembro de 1999..

Chuckwuma Azuonye - (Department of African Studies, at University of Massachusetts)

Iya Oba, Rainha-mãe:

Adolô, oba reinante neste período

Ovonramwen, futuro obá

Obaro, irmão mais moço de Ovonramwen e líder do grupo de rapazes

Kotou, artista, futuro mestre de metais

Ovaitiocum, pai de Kotou - mestre dos metais, o *iguneromwan*

Kpadonu, pupilo de Obaro

Emotan, *ogwega*, sacerdotisa

Cranfield, Henry Charles, pregador inglês, espécie de agente de inteligência britânico sem saber;

Obayemi, *um dos uzamas* - membro do Conselho e chefe da cidade de Benin

Abiola, o *enogie*, chefe interiorano de Ughoton, porto marítimo de Benin

Eyo Akpo, general comandante do Exército de Benin

Olosegum, personagem da corte que faz as trampas em nome (ou supostamente) do rei.

Obassanjô, outro intermediário de negócios

Capitão-de-fragata Harry Levingston Sauer - espião inglês que traz armas modernas de presente para o obá.

Azaiguen (apenas figurante) uma prostituta de Obasanjô em Ughoton

Skidmore, (apenas figurante) um comerciante inglês em Ughoton

Egharevba (disponível)

Ikme (disponível)

Adu (disponível)

Ogundelê (disponível)

Azonye (disponível)

Notas:

1 - Até 1888, morte de Adolo(data incerta) — a cabeça do obá era enviada para Ifé e de lá voltava uma cabeça em bronze ou latão;

2 - O primeiro mestre em metais teria sido Iguega, de Ifé, que teria ido para Benin. É tradição oral, não há certeza se existiu ou não.

3 - Descrição sobre a localização de Benin, suporte na página 525, de a Enxada.

4 - Pano da Costa, exportado para o Brasil

5 - Lagos ou Eko, nome original (Hotel Eko, principal de Lagos)

Parte um

Quatro paredes de madeira. E era um castelo. A fortificação onde quatro amigos, que um dia o destino viria a irremediavelmente separá-los, protegiam, de forma inexpugnável, seu mundo de fantasia daquele de seus mais velhos. Obaro, o líder, fora autor da idéia e construtor-chefe do fortim. Kpadonu, mais novo um pouco que Obaro, era seu pupilo. Imitava o mentor em tudo o que aquele fazia. Kotou, brincalhão, alma aberta, vidente, seus olhos perscrutavam o insondável para seus pequenos companheiros, e suas mãos tinham a incontável habilidade de gerar vida. Riscava paredes e imagens se impulsionavam em movimento. Empunhava um canivete e ao agredir nacos de madeira, fazia deles surgir pessoas, animais e coisas. Torcia o ferro e lá estava mais do que uma espada, uma arma, alí se

materializava um ser — uma cabeça, um torço animal, um pequeno altar. E Ovonramwen, predileto de Emotan, *ogwega*, sacerdotisa, mas sobretudo, o irmão mais velho de Obaro, e por uma razão de sucessão nobiliárquica, o futuro rei de Benin. O fato é que, naquele momento — todos jovens, se preparando para o ritual de iniciação, quando se iriam transformar de adolescentes em homens — não atentavam para a questão política maior, preocupação da entourage real, da iminente dominação da Inglaterra por sobre o seu país — o império de Benin. O fato político que se avizinhava iria atingir, em cheio o mundo de Ovonramwen, imensamente mais do que aos demais.

A razão de ser do castelo, naturalmente, era reproduzir uma constante na vida de seu povo: a guerra. Lutavam por hegemonia geopolítica, e aquisição ou manutenção de mercado. Geravam guerras para a conquista de escravos, trocados estes por armas, mantimentos e confortos da realeza. Além do mais, disputavam diferenças atávicas.

Outrora, em verdade uns poucos anos antes, brincavam de cavalaria. Eram improvisados galhos de árvores, que ao recebiam numa extremidade, o talento artístico de Kotou, transformavam-se em garbosos animais, que eram gineteados, freneticamente, quando em batalha; ou elegantemente, com o ritmo natural de seus corpos africanos, simulando alguma parada real.

Agora, os cavalos eram vistos com outros olhos: músculos retesados que se expandiam e contraíam, articulações que se flexionavam dando dinâmica sintonia às pernas e patas, pelos lustrosos, mostrando a plasticidade daquela obra prima do reino animal, nas carreiras de manhãs frescas, em meio a trilhas sob bosques, nos limites do verdadeiro palácio real. Eram dentes, que às vezes mordiam quem os perturbava, mas que, comumente, constituíam-se em porta aberta para algo doce ou vegetal, servido por uma mão amiga, como a de Obaro ou de Ovonramwen. Os cavalos da estribaria real eram árabes, de origem, fruto de um intrincado comércio que envolvia mouros da península Ibérica, traficantes de escravos e compradores destes, especialmente no Brasil. Benin, com seu vizinho Oió, e suas hordas de cavaliços, eram o terror de seus vizinhos, como os povos do Daomé e outros pequenos reinos vizinhos, que tinham de se valer da infantaria, pois viviam em terras baixas, infestadas pela mosca do sono — tsé-tsé. Os cavalos, aí, eram presas fáceis desses insetos mortais, que dizimavam pela indolência doentia populações de vilarejos.

Assim, se não estivessem no forte, reclusos de certo modo, impedidos de brincar com outros meninos de mesma idade, mas plebeus, podiam ser vistos próximos aos cavalos. Ovonramwen já sabia que, passado o ritual de iniciação, iria ganhar de seu pai um imponente cavalo. O irmão teria o seu mas somente um ano após. Mas tinha certeza que pressionando o irmão conseguiria, também, ele, ter no cavalo que Ovonramwen iria ganhar, uma espécie de sua própria montaria. Brincava, sem aborrecer o irmão mais velho, com seus amigos, apontando aleatoriamente qual haveria de ser o seu cavalo. Pensava, o mesmo Obaro, com certa inquietude, quando enfrentaria o jogo de perder e ganhar: perder a fimose, ganhar um cavalo, e aspirar por sua primeira virgem — exatamente nesta ordem de importância. Ovonramwen, por seu turno, tinha a tranqüila certeza de que estas coisas estavam a esperar-lhe, no devido tempo.

Os cavalos, seu odor característico, sua sociabilidade, sua capacidade de fazer as pessoas deslocarem-se em velocidades além da assegurada por suas limitadas pernas, eram deuses no imaginário de Ovonramwen, apenas não externava. Deuses como aqueles que Emotan ensinara-o a respeitar. Era, assim, destino, registro sagrado no livro de ocorrências da vida daquele menino-real — no futuro expatriado nobre — o amor pelos eqüinos, mormente os elegantes, fortes e garbosos cavalos árabes, e uma força imanente que o levaria a ajudar seus semelhantes e por eles ser admirado, mesmo muito tempo após haver retornado, definitivamente, de volta para sua África. Mas até aí Ovonramwen haveria de conhecer homens semelhantes, mesmo que em mundos diferentes.

Obaro queria ser o rei. Considerava-se possuidor de todas as características necessárias para sentar no trono real. Sabia liderar e era obedecido espontaneamente, sem imposição. As ações bélicas de sua nação eram por ele conhecidas em todos os detalhes. Guardava, como repositório da história guerreira de Benin, uma excelente coleção de pequenas imagens em bronze e madeira, feitas por artesãos reais. Procurava estar próximo, sempre que possível, dos maiores do exército real, que aceitavam sua presença numa condescendência à sua origem real. Era o segundo na linha sucessória. Mas, que importa!, queria ser o rei. Afinal, quem construíra o forte, externando com isto, mesmo numa ação inconscientemente elaborada, sua capacidade de defender o reino contra os inimigos daoemanos, adreanos e tantos outros? Quem era admirado e cortejado pelo general comandante da cavalaria? E quem tinha gosto pela guerra? Obaro queria ser o rei, sim; em verdade, tinha mais inclinação para as coisas de Estado do

que seu irmão mais velho, por nascimento destinado a ocupar o trono. Uma que outra vez insinuou essa sua inclinação para Ovonramwen, sem que este demonstrasse qualquer tipo de reação adversa. Como eram insinuações, talvez este não as entendesse, tal o seu desprezo às intrigas naturais de cortes reais, e a inata convicção de que vir a ser o rei de Benin, era questão de tempo. Havia sido treinado desde o berço para isto.

Ovonramwen tinha como protetora e amiga uma das velhas da corte, mais precisamente Emotan, a sacerdotiza. Era de suas tarefas cuidar daquele menino que um dia seria o obá. E ser obá significa manter a responsabilidade histórica de proteger seu povo, inclusive ser para seus súditos, uma divindade, portanto, portador de poderes de cura de seu corpo e, eventualmente, do de seus súditos. Emotan, a *ogwega*, pessoa capaz de fazer a ligação entre os seres humanos e os poderosos espírito do universo, por complicados caminhos de sucessão baseada em herança religiosa fora apartada das demais meninas de sua idade, e preparada para cuidar da saúde dos membros da casa real, especialmente do obá e seus filhos e filhas, esposas e agregados. Era, além de *ogwega*, também *obodi*, ou seja uma herborista. Era, da mesma forma, encarregada de cuidar do *altar* — a palavra altar, assim mesmo, do português, estava imiscuída na língua edo — real, onde eram conservados fragmentos da tradição, como esculturas, pedras, corais e roupas. Supervisionava, com extremo cuidado, um empório de ervas medicinais, que eram guardadas em diversas formas. Algumas eram consumidas frescas, fervidas na água e se transformavam em chás ou infusões; outras viravam pomadas e muitas em concentrados que eram manipulados por ajudantes de Emotan, ampliando o espectro de sua aplicação. Ovonramwen convivia com evidente curiosidade e interesse do mundo fantástico da velha preceptora, e inúmeras vezes se valeu deles para situações de emergência. Como certa feita, quando brincavam, ele e seus amigos de sempre, no fundos das cavalariças reais, onde se depositavam madeiras velhas e podres. A brincadeira consistia em buscar alguma coisa que pudesse servir de apoio a outro esconderijo que construía. Tudo corria em tom de galhofa, com a preocupação de executar a tarefa ao mesmo tempo que pular e gritar, quando Kpadonu, deixou sua mão parada mais do que o necessário sobre uma madeira e, incomodado pelo intruso, um escorpião picou-lhe a mão. Kpadonu deu um grito de dor e espanto, chamando a atenção dos demais, que viram, todos, um robusto escorpião dar meia volta e esconder-se sobre a tábua podre. A peçonha irritou

quase instantaneamente a carne do menino. Todos ficaram parados, assustados com o evento, até que sem experimentar qualquer receio ou surpresa, Ovonramwen pegou seu companheiro e correu com ele até o empório das ervas e poções, escolhendo, qual o farmacêutico que sabe exatamente onde se encontra determinado remédio, a substância cremosa que aplicou por sobre a pisadura. Havia já um intumescimento e vermelhidão no local. Seu companheiro sentiu-se desanimado, e foi levado para sua casa, com a informação do acontecido e as medidas que Ovonramwen havia tomado. À noite, quando a febre já havia ido embora e o inchume começava a desaparecer, Emotan compareceu, mas apenas para sentir prazer ao ver o trabalho desenvolvido por seu real aprendiz. Pouco falou ao entrar, e disse apenas ao sair: — Será um grande Obá! No dia seguinte Ovonramwen já se integrara a seu grupo em condições de sofrer outro acidente, mas seria de aí adiante mais cuidadoso.

Emotan retornou a seu recanto, antes passando altar real, onde depositou oferendas, removeu certas coisas que envelheceram e ajustou, como se necessário fosse, a posição de algumas das esculturas e pedras que compõem o cenário sagrado.

Agora estavam em seu castelo, no fortim, e cada um tinha sua missão a cumprir. Obaro era o general-em-chefe do exército e necessitava, assim, discutir com seu imediato, Kpandonu, táticas de combate. Como a cavalaria deveria avançar, abrindo o campo para a atuação dos infantess. Kotou, o armeiro, deixava-se ficar numa um canto, sem grandes preocupações, uma vez que as armas que fabricara as havia distribuído para os guerreiros. Sucedee, entretanto, que Kotou tinha um dom especial: a capacidade de (seu espírito sair do corpo e estar noutra lugar - perguntar a palavra para a Iolanda). Pois naquele exato momento Kpandonu estava noutra lugar, nem ele mesmo sabia onde, apenas que ouvia conversas truncadas, para sua compreensão:

— Está muito melhor assim, o comércio com os ingleses. A assertiva vinha de Adolo, obá de Bejin, sentado em seu trono, vestido e pousando majestaticamente

— Os holandeses, santo Obá, não vão gostar desse nosso novo movimento.

— Eles não vão notar. Vamos continuar a agir progressivamente. Aos poucos, sem que notem.

— Santo Obá... — reticente, sem encarar, a cabeça sempre baixa, via entretanto os olhos do rei, falava seu mais importante assessor, Obayemi, chefe da cidade de Benin, capital

do reino de Benin — trata-se de comércio importante. São nossos parceiros há mais de trezentos anos. Eles vão notar em seguida.

— São muito arrogantes e muito estúpidos para sentir, pelo menos enquanto construimos uma sólida aliança com os ingleses.

— São aquilo que o santo Obá diz; mas se a arrogância é ilimitada, a estupidez acaba no limite de seus interesses... Aliás, santo Obá — agregou Obayemi — já ouvi veladas reclamações dos holandeses, quanto à presença, a olhos vistos, de cada vez mais ingleses pelas ruas de Benin, e conversando com nossos administradores.

— Mas temos um país livre. As pessoas podem vir aqui tratar de comércio, sejam holandesas, inglesas e até mesmo, com sua língua difícil, os portugueses e franceses que mantém um forte comércio com o Daomé.

Kotou podia ouvir e entender em sua língua nativa, o edo, cada uma das palavras que proferiam o obá e o grande chefe. Todavia, o contexto lhe era completamente incompreensível.

Nesse momento, Obaro deu um safanão, e trouxe seu amigo à realidade, como costumava fazer com frequência. E Kotou voltou, também em espírito, ao castelo juvenil de onde fugira sua alma, como se nada tivesse ocorrido.

Muitos metros adiante, na câmara real, entretanto, não apenas a conversa que Koutu ouvir em parte, mantinha-se em andamento, como outro elemento era introduzido na conversa. Abiola, o enogie, chefe distrital de Eghoton,, segunda cidade mais importante do reino, existente desde fins do século quinze, adentrava ao núcleo de poder. Era mais velho que Obaro, e apesar do respeito ancestral, da força do hábito imemorial de subordinação ao chefe de Benin, Abiola tinha a um sentimento de que deveria ser ele o segundo do rei, mas superava a angústia antiga sem que, a não ser por distração muito rara, deixasse vazar o teor de seu secreto desejo. Sua província, em muitos aspectos superava em importância a capital. Era dela que vinham, quase sempre, os essenciais recursos logísticos para as guerras do obá. E também de seu território que expressivo número de criminosos e supostamente tal eram agrupados para servirem como mercadoria de exportação, no rumo do Brasil e, muitas vezes, os mais altos, eram destinados a exigentes, mas melhor pagantes, comerciantes que levavam as cargas humanas em direção ao extremo norte da nova terra, a América. Dizia a lenda, plantada na cabeça dos imediatos de Abiola, e a ele transmitidas, mas aceita como realidade, que somente

homens de grande estatura e compleição forte, suportariam o frio inimaginável das terras a que se destinavam. Os baixotes e os franzinos morreriam em pouco tempo, constituindo-se por tal, mercadoria desprezada pelos mercadores mais sofisticados, que faziam à rota das Índias Ocidentais e Estados Unidos. Obatlê era muito bem informado nesse e em todos os assuntos relacionados com o tráfico. Sua sutileza no agir, transferia à subordinados tarefas que representavam clara e precisamente os objetivos que tinha em mente. Sabia, em acréscimo à suposta lenda dos mais altos, que sim, havia na Costa dos Escravos uma disputa de parte dos traficantes que faziam a grande rota do norte, que ao deixarem de se abastecer em terras mais próximas, como o oeste da África, do Senegal em direção ao Sul, alcançando à Costa do Ouro, dos negros minas. Até aí encontravam, com relativa facilidade, homens altos, fortes e possivelmente mais resistente à longa jornada e ao frio terrível que os esperava no inverno dos Estados Unidos. E o preço subia posto que, em primeiro lugar, os navios tinham de viajar mais longe, na direção sul. Depois, envolviam-se num intrincado comércio de seus parceiros que faziam a captura e transporte do interior do continente até os rios e destes às suas embocaduras com o mar. Era um período em que, face à pressão de grupos humanitários na Inglaterra e razões comerciais — a incipiente Revolução Industrial — cada vez mais se tornava difícil o transporte de escravos: a temível força tarefa britânica policiava com eficácia tanto à costa da África, quando o caminho para o norte e, mesmo, à costa do Brasil. Os mercadores da rota do norte, portanto, pagavam mais, mas queriam mercadoria melhor, mais adequada tanto à viagem, mais longa, quanto ao destino, imensamente mais inóspito do que o Brasil tropical e o Caribe. Essa sua cultura de mercador, sem que com os traficantes travasse o mais leve contado, incluía, assim, saber como ocorriam as coisas em outras praças; como se comportavam portugueses, franceses e, novos traficantes, brasileiros e americanos.

Abiola sabia que era uma impossibilidade quase absoluta a hipótese de um dia vir a ser o chefe da cidade de Benin, posto que as regras do sistemas não funcionavam assim. Obayemi ficaria até morrer e ser substituído por seu sucessor familiar. O mesmo ocorreria com ele em sua província natal. Mas os ouvidos abertos e a perspicácia de Abiola, no contato com estrangeiros, viajantes, que, como ele, estavam vinculadas ao tráfico, mas não sujavam aos mãos tocando o tecido infectado, falavam de outros sistemas de governo. O próprio Obatlê mantinha na memória histórias antigas de lutas que envolviam a questão democrática. Povos, como os íbos, haviam resistido tenazmente à pressão dos obás para subjugar-los, ou incluí-los

no reino como associados, porque já experimentavam em seus territórios práticas que consistiam no mando por governantes que eram de origem popular. Qualquer um, se tivesse capacidade, poderia pleitear substituir o governante morto. Era uma espécie de democracia, repelida pelos edos. Abiola não se incluía entre os que assim pensavam. Jurou, praticamente a cada encontro que tinha com o obá, fidelidade ao monarca. Reiterara, nas conversas que entretinha com seu santo homem, que abominava o sistema de governo dos íbos.

Como se tivesse sido partícipe da conversa desde o início — não participara fisicamente, naquela reunião, mas tratava-se de um assunto tão repetitivo como o indagar, a cada manhã, no encontrar-se com um velho amigo, pela saúde e bem estar de uma relação de pessoas e coisas, como galinhas e porcos — Abiola deu sua opinião, após um trejeito de assentimento sóbrio do monarca:

— Temos um excelente comércio com os holandeses há mais de trezentos anos. Eles têm levado nossa pimenta, peles de leopardo, corais e, sobretudo, escravos... — à medida em que foi dizendo “peles, leopardo” foi baixando a voz até que quase murmurava ao dizer “sobretudo escravos” e silenciou, na pausa de uma reticência. Levantou os olhos para o teto da câmara, sem passar pelos olhos do obá, num exercício de humildade, que iria culminar na modéstia de dizer o que desejava: — ... mas não poderíamos aspirar mais? — sua frase veio no sentido contrário à anterior. Era um crescendo. — Passados trezentos anos, não poderíamos obter mais no comércio com os holandeses. — Baixou de novos a voz e os olhos que se haviam colado no teto, para arrematar, por enquanto: — E os ingleses, não os conhecemos tão intimamente como aos holandeses. Não seriam diferentes?

Passou pela cabeça do chefe da cidade de Benin, Obayemi, um pensamento vetusto que ouvira repetidamente de seus antigos; ou teria sido daqueles franceses que o haviam visitado diversas vezes, tentando abrir uma porta de comércio? Lembrou-se da história de animais insatisfeitos, em busca de um rei. Na sua memória de velho não sabia se os animais da história eram garças ou rãs. Pensou de novo e recordou que um inglês, tempos atrás, contara-lhe certa história, rindo muito e repetindo que aquela era um boa piada, mas dava sua origem nos gregos. — Esopo... — pensou, desconfiando ainda outra vez de sua memória.. A questão o intrigara sobretudo que ficou ainda por mais tempo a refletir, então veio algo lá de sua infância: Ouviu o som Odwdwa, que o recordou fragmento da história. A morte de um dos

mais antigos obás, nos tempos da agregação dos povos edos, fez os chefes entrarem em furiosa disputa. Não havendo consenso quanto a quem seria, chegaram à unidade quanto a trazerem um regente de outras terras, do reino de Ifé. A história esvaeceu, era coisa muito antiga, mas voltou em seguida com a imagem de sete piolhos, que foram enviados pelo convidado para ser o substituto estrangeiro do obá. Deixou o pensamento desvanecer e concentrou-se no local onde estava naquele momento.

Interveio, a seguir, após a fala teatral de seu colega interiorano:

— Como nos ensinou o santo Obá, e temos vivenciado ao longo de toda a nossa vida e, mesmo da vida dos que nos antecederam, os espíritos que hoje veneramos, é bom mantermos este relacionamento com os holandeses. Damos-lhes o que necessitam e recebemos o que precisamos para manter nosso Estado forte, dominando sem dificuldades nossas colônias.

— É verdade inquestionável — disse o Obayemi, antes pedindo reverencial licença ao obá para ponderar sobre o que dissera o chefe de Benin —, que mantemos um antigo e frutuoso comércio com os holandeses, mas ele se esgota em poucos itens...

— ... que são expressivos para nossa sobrevivência — atalhou Abiola, o chefe interiorano. E ia se iniciar o diálogo antigo, quando o obá levantou a mão quase descuidadamente, mas com um gesto claramente imperioso para os seus dois súditos, que se calaram de pronto e se recolheram à seu lugar hierárquico.

Falou, enfim, após longa pausa, o obá:

— Temos convivido com os holandeses, é verdade, como nossos principais parceiros comerciais, desde tempos imemoriais. A própria história da fundação da cidade que você, Abiola — Abiola sentiu-se profundamente emocionado e satisfeito, pois raras eram as vezes em que o obá se importava em chamar qualquer de seus súditos, por mais importante que fosse na hierarquia local, pelo nome — chefia, se confunde com a vinda dos europeus holandeses. Conta nossa tradição que os primeiros europeus que aqui estiveram, ficando por longo tempo, foram os portugueses. Depois, e até hoje, todos os obás que me antecederam, consideraram os europeus como deuses do mar — deu uma ênfase para a palavra em edo, Olokum. Eu compreendo que os holandeses, ao contrário do que fazem os ingleses em outros cantos, tem

estado aqui como parceiros, negociantes. Os ingleses tem-se tornado administradores, autoridades nos locais onde podem.

O Obayemi, vendo que o obá pausara, desusadamente ousou, olhos postos no chão, soltar uma palavra:

— Colonizam.

— E trazem mais coisas para o povo — aduziu Abiola, sentindo, o instinto à flor da pele, que o todo-poderoso obá havia vacilado ante à intempestiva palavra de seu subordinado, sem admoestá-lo. E foi feliz no gesto, porque o obá também não o advertiu.

O obá fez o gesto de que saíssem; nada mais havia para ser dito naquele encontro.

Ambos os velhos administradores fizeram as mesuras de praxe e, carregando o peso dos anos em cada uma de suas pernas, moveram-se porta à fora, num exercício que cada vez mais se tornava penoso.

Fora da câmara real, Obayemi e Abiola, qual duas paralelas que terminam, abriram-se cada um para um lado, sem um desnecessário adeus, seguindo cada um atrás de suas crenças ou conveniências.

Obayemi preferiu seguir o caminho que levava ao santuário de Emotan.

Abiola, antes de valer-se dos meios para empreender a viagem de volta a Eghoton, decidiu-se por aceitar um convite em aberto. — Faça um “*stop over*”, quando quiser, para um chá com *brandy* — dissera-lhe o clérigo inglês, cabelos cor de palha de milho seca, levemente ondulado, de cara redonda e avermelhada, pela ingestão constante de conhaque e gim. Sabia que teria de passar algum tempo com um falastrão inconstante, com escasso relacionamento com Jesus e com os preceitos bíblicos, mas chegado a alguns ingleses que adoravam suas anedotas e trocavam confidências que Abiola recolhia e sabia transformá-las em pérolas de sua coleção informativa. Ali, então, como sempre, estar informado era manter-se um passo à frente dos demais.

Era um entardecer e Abiola passou a caminhar por uma cidade muito avançada para os padrões da época. Havia uma longa e espaçosa avenida. Um holandês já comentara com

Abiola que mesmo a rua principal de Amsterdã era muitas vezes mais estreita do que àquela onde dava seus comedidos passos. E como a rua Warne, dos amsterdameses, era margeada por casas, com passeios enfeitados com árvores. O fim da rua por onde transitava Abiola, ou seu início, tinha um portão de madeira, grande e muito sólido, guardado por uma sentinela, com uma passagem sobre um fosso seco, cheio de árvores muito altas. Adiante dos portões, como em muitas cidades, ficavam subúrbios ou zonas rurais, onde se alojavam os à margem da corte e da administração da cidade.

Após uma breve caminhada — o inglês tinha residência na parte interior da cidade — chegou à casa do britânico. Bateu com os nós dos dedos na porta da casa de Cranfield, sendo recebido, em seguida, por um escravo negro que se dobrou todo em reverências e mesuras ante à autoridade que batia à porta, sozinho, sem qualquer de seus vassalos. Não precisou dizer nem fazer nada, Cranfield apareceu em seguida abrindo-se em largo sorriso e desmedidas mesuras para dizer:

— Quanto honra... passe, por favor, sua eminência!

Abiola, sem qualquer gesto, além de um sorriso leve, moveu-se para o interior da casa, dizendo enquanto passava pelo massudo britânico: — Alo, ministro!

Obayemi, mais ou menos neste instante, já estava sentado confortavelmente na casa de Emotan, o empório de ervas, poções e linimentos, que faziam tão bem ao corpo e à alma das pessoas que estavam a seu alcance.

Emotan havia servido ao poderoso Obayemi um de seus chás, uma espécie de calmante, que se adequava exatamente a homens de idade — o chefe já ingressara nos sessenta anos —, e que passavam a sentir reações inusitadas, nunca antes experimentadas, portanto incompreensíveis, como medo inexplicável, choro fácil, relutância em aceitar pensamentos contrários ou simplesmente diferentes dos seus, dificuldade para adormecer ou acordar no meio da noite e ver passar à sua frente, virando-se de um lado para o outro na cama, um mundo de problemas aparentemente insolúveis. O chá de Emotan, que Obayemi sorvia naquele instante é o mesmo que já vinha tomando, havia algum tempo, e que se tornara um poderoso elemento de estabilidade emocional para o chefe de Benin.

A história da prescrição desse chá surgiu na confissão ingênua de uma das esposas do chefe. Buscando remédio para seu próprio problema, a relativamente jovem mulher, aliás a

mais jovem dentre elas, aspirando, ainda, e faltava pouco, uns dois anos, entrar na casa dos quarenta anos, escorregou que seu marido se angustiava muito quando iam manter relações sexuais, e que tudo mudara quase que abruptamente. Confidenciou que o chefe se amargurava muito ao saber que tinha de se encontrar com Abiola, e que o transformara, em sua imaginação, num inimigo terrível. Falou de sua angústia, mesmo, para despachar com o obá, coisa que sempre fizera com grande prazer e imensa honra. Afinal, era dos poucos homens no reino que podia ver o obá de perto, e quase todos os dias. Tinham a mesma idade e, naturalmente, cresceram juntos, cada um com destino certo: um seria o rei dos edos e o outro o prefeito da cidade capital do reino. As confissões da jovem esposa voltaram ao quadro sexual. O chefe não conseguia sustentar por mais que alguns instantes a ereção, coisa absolutamente anormal. Por ter mais de uma esposa, não raramente era capaz de satisfazer, na ociosidade que sua posição comumente ensejava, mais de uma delas, deslocando-se, pênis rijo, de um aposento para o outro, bastava atravessar um longo pátio, verdejante com suas plantas brotando em bem decorados jardins, e chegar às casas das mulheres e das crianças. Era um conjunto de bangalôs bem distinto da casa principal. Na casa principal, ou palácio do chefe, habitavam apenas homens: ele próprio, num quarto amplo, cheio de esculturas em marfim, madeira e bronze, peles curtidas de animais silvestres, imensos rolos de fazenda, cada um representando uma das vestes que usava em diferentes ocasiões, além de uma coleção muito esquisita de contas de coral — e outros, como filhos adolescentes, genros, enteados e empregados de atendimento permanente. Agora, continuou inconfidente a consulente de Emotan, ele não conseguia sustentar por mais de alguns instantes sua ereção, ejaculando-se de forma desastrada e prematura. Já não queria saber das outras esposas mais velhas. Sussurravam, a boca pequeníssima, pois o medo era o grande conselheiro, que era justo o chefe estar menos feroso, afinal, a idade chega para todos e, as mães de seus primeiros filhos, sessentonas como ele próprio, preferiam a quietude de novos tempos à dinâmica de outrora, quando ele movia-se pelo quintal como num carrossel. A consulta resultou na entrega à jovem de dois remédios: um para ela mesma resolver um quadro de eczema numa perna — era uma espécie de pomada. O outro, fez gerar um conluio entre a velha sacerdotisa e a jovem esposa. Ela passaria a servir um chá verde, cujas folhas entregou naquele momento, e disse como deveria proceder, informando apenas ao marido que era um novo chá digestivo que lhe mandara Emotan. Obediente, o chefe passou a tomar o chá, e foi sentindo, sem se dar conta,

suas ansiedades desaparecerem; o sono derrubá-lo no pós entardecer, acordando-se, apenas, para micções na madrugada; retomou o controle nos embates com Abiola e, com grande satisfação, e sincero prazer para sua jovem esposa, viu suas ereções durarem muitos minutos.

Frente à frente, Obayemi e Emotan perscrutavam um ao outro. Parecia um exercício onde cada qual queria saber lá no fundo da alma o que se lhes passava pela cabeça. Ou, de outro modo, parecia que cada um tinha uma mesma preocupação, mas se sentiam incapazes de iniciar um diálogo a respeito desse aborrecimento comum.

Então as vozes vieram ao mesmo tempo e, como estavam cara à cara, o som parece que colidiu e fez cair numa palavra todo o seu drama:

— O príncipe!

— Hoje nós vamos atacar os íbos! — Exclamou imperativamente Obaro. — Eles são um povo atrasado e que não paga os impostos ao obá!

— E que armas nós vamos usar? — Indagou Ovonramwen, futuro obá.

— As armas preparadas pelo mestre Kotou. — Era uma referência ao pupilo de Ovonramwen e predestinado artesão. Pupilo, porque queria estar sempre perto do amigo, apesar da distância nobiliárquica, não afastada pelo fato de serem apenas meninos. Ovonramwen tinha evidente inclinação para amar os cavalos e, da mesma forma, admirar as obras de arte que se empilhavam por todos os cantos do palácio, obras que Kotou era capaz de reproduzi-las imitando-as em madeira, marfim e barro; e que seria capaz, se seu pai lhe permitisse, de vir a fundir usando a técnica da cera perdida, obras em metal. Seu pai o iria iniciar, naturalmente, nesse estágio, era, apenas, questão de tempo. Os mestres tinham linhagens hereditárias. Assim, o pai de Kotou era o grande mestre das artes da capital do reino, vivia pois dentro do palácio real. Seu filho encontrava-se assim, em meio ao grupo, porque filho de uma das mais respeitadas figuras na corte, quase ao nível do próprio prefeito e da sacerdotisa. Ovonramwen e Obaro valorizava seus trabalhos, especialmente as cópias que fazia de espadas, arcos, escudos e, mesmo, armas de fogo, que todos usavam em batalhas

imaginárias, contra os inimigos de sempre, os vizinhos estados-nações que viviam às turras com o obá, omitindo-se, sempre que possível, do atendimento das cobranças de pedágio, proteção e impostos que eram criados à medida que o erário de Benin demandava.

Obaro nunca vira o obá, ele mesmo, participar de uma guerra. Sabia que seu general, chefe dos guerreiros participava dos combates. Assim que, em seu sonho de ser obá, misturava essa condição com a de general e, somando as duas coisas, pretendia, como ouvira em conversas cruzadas, erradicar com os vizinhos. — Vamos exterminá-los todos! — dizia seu brado de guerra. Essa era uma impossibilidade tática que, se de fato, chegasse a se efetivar um obá haveria de constatar não lhe favoreceria. Havia que guerrear com os vizinhos, impor-lhes superioridade militar, mas jamais exterminá-los, porque eram, em muito, a razão da paz e prosperidade dentro dos muros do reino.

Ovonramwen, futuro obá, a seguir-se naturalmente, sem incidentes a linha sucessória, tinha instintivamente esta compreensão, pois, mesmo menino, na guerra imaginária, contrariava seu irmão, ainda que movido por outros objetivos, estes mais humanitários do que comerciais ou de manutenção do *status quo*, mater as coisas como sempre foram.

— Não exterminá-los, ponderou Ovonramwen, vamos fazê-los prisioneiros.

— E ter que alimentá-los! — Exclamou Obaro. — Não, temos que exterminá-los! Ou então vendê-los como escravos...

— Nunca vou vender ninguém como escravo. — Protestou Ovonramwen

As duas jovens personalidades, com características demarcadas, passaram a se constituir no pano de guerra real, diversa da imaginária que iriam travar contra seus vizinhos íbos.

E mais ia se acirrar o debate quando, também imperiosa, veio a ordem de Iya Oba, a rainha-mãe, chamando seus dois filhos. O grupo se espalhou imediatamente e, Ovonramwen e Obaro marcharam silenciosos em direção à casa da rainha. A casa da soberana, como na do chefe de Benin e de resto nas casas em geral no país, ficava fora do palácio de real. Era estilo atávico, seguido pelos plebeus, naturalmente, separar a residência dos homens das dependências para mulheres e crianças. Assim, constituía-se em unidade autônoma. Ali febrilmente as mulheres desempenhavam as mais diversas tarefas, principalmente de cozinhar,

manter a limpeza, confeccionar roupas e adereços, muitas produzindo de forma semi-industrial, vendidas para mulheres outras que as expunham nos mercados e caravanas.

Entraram na casa para se assearem, imposição permanente da rainha-mãe. Ele se encarregara de, pessoalmente, preparar seus filhos para substituir o obá. As questões domésticas, onde se incluía a instrução dos mesmos, estavam pois a seu cargo. Os dois se prepararam para o jantar, não sem antes ouvir, por entre as peças — poucas eram as portas — os sons de algumas mulheres que choramingavam, reclamando da rainha, as dificuldades que estavam experimentando em mandar seus produtos para antigos consumidores, afastados do reino. Havia cada vez mais a presença dos comerciantes britânicos, substituindo os tradicionais holandeses, e impondo novos hábitos. Compravam, os ingleses, como os holandeses, os mesmos produtos; os ingleses, todavia, começavam a se desinteressar, de forma assustadora, para tradicionais fornecedores, do comércio de escravos...

— As mulheres tem de seguir o que estabelecem nossos homens. Não há o que discutir quanto a isto — com grande ênfase falou de seu canto adornado Iya Oba, numa prédica endereçada ao mulherio presente. — Os homens de vocês vão e volta das guerras. Cada vez mais temos problemas com nossas províncias. O santo Obá está gastando cada vez mais com o exército para manter a ordem nas províncias. Por isto, e não por causa dos ingleses, fica mais difícil vender o que produzimos no reino. E fica mais difícil conseguir escravos para mandar para o Brasil.

Era um ambiente real, aquele, porém não diverso de um universo feminino, de forma que, mais imperiosa do que a fala da rainha foi o chorar, em quatro cantos do conjunto, de crianças com fome, com vontade de segurar mamas intumescidas de leite, de fazer cocô, xixi etc., e o assunto morreu por aí.

Abiola, após ouvir um longo discurso do reverendo Cranfield, falou a respeito do trabalho dos missionários ingleses na Costa dos Escravos e no empenho de seu país em buscar novas alternativas de comércio para os povos da África.

— Não acreditamos que a África se esgote na costa, aliás, entre o Atlântico e o Índico há uma imensa massa geográfica a ser explorada — sustentou o religioso inglês. Apanhou de seu cálice bojudado, continha conhaque, que chamava de burbom, deu uma bebericada e prosseguiu, os olhos adiante da figura estática do africano à sua frente: — As sociedades

humanitárias e científicas da Metrópole — referia-se, com um tom de supremo orgulho à palavra — estão organizado mais e mais expedições para o interior da África. Uns querem levar a palavra de Jesus aos que a desconhecem e adoram divindades pagãs — sem surpresa nem reprovação audível, mas com profundo desdém, Abiola contrapôs com um olhar a assertiva “pagã”; mas a arrogância do anfitrião foi incapaz de compreender a expressão de seu convidado. Assim que prosseguiu: — Com as sociedades humanitárias haverá escolas para os negros nos mais diversos recantos da África. Em Serra Leoa já tem algo exemplar. Dizem que lá para os lados do Índico, nas terras do Sudão é a mesma coisa. E, quanto à penetração no continente, nossa gente estará em busca de novas matérias primas para as indústrias que progridem aceleradamente tanto em Manchester quanto em Liverpool. Queremos mais algodão, e estamos dispostos a fazer investimentos na África, criar plantações em zonas adequadas, para abastecer as grandes indústrias de Machester.

— E os escravos? — indagou singelamente o chefe interiorano.

— São novos tempos, estes — rebateu o inglês — os humanitários têm razão. Precisamos cristianizar os pagãos, encerrar com a chaga do tráfico negreiro e explorar economicamente o interior da África.

— E nós administraremos este novo mundo de que você fala?

— Sim... quer dizer, em termos. Administrar plantações modernas e ter máquinas para procurar por riquezas no fundo da terra precisa conhecimento especializado. Mas você tem suas tradições; podem mantê-las. Serão administradores de suas tradições junto a seu povo. — Arrematou o inglês, no contraponto à autoridade africana à sua frente.

Visto num cenário inédito para Abiola a idéia não era de todo ruim. Afinal, era um novo mundo que se descortinava muito longe da África, um mundo de máquinas que era impulsionadas por água fervendo e que ferviam pela queima de pedras negras retiradas do fundo da terra e, mais, que transformavam o algodão em fios finíssimos que trançados faziam surgir fazendas em grande quantidade. Não era a primeira vez que Cranfield e outros ingleses, haviam insinuado esse pensamento, que já chegara até Adolo, o obá. Este também oscilava entre a presença multissecular

dos holandeses — o obá conseguia, mesmo, pronunciar muitas palavras na língua dos Países Baixos, tão longo era o ir e vir de holandeses em Benin — e tinha admiração pela impecável

distância mantida quanto ao governo dos obás. Jamais insinuaram, sequer, algum desejo de administrar o país, de introduzir seus hábitos e costumes, de derrubar os ritos tradicionais do povo e erguer em seu lugar sua religião cristã. Portanto, também, não traziam a escolaridade modelo européia. A tradição oral fazia a mesma referência aos portugueses — tendo sido os pioneiros em manter contato com os povos de Benin, no século quinze, os lusitanos jamais se interessaram em criar ali uma colônia. Negociavam com os obás e respeitavam-nos como chefes de um Estado soberano. Havia um distanciamento secular entre estrangeiros, mesmo os tradicionais holandeses, e os obás. Acercar-se do rei era uma tarefa muito difícil, somente atingida através dos canais de intermediários, chefes e integrantes de conselhos da corte. Falar holandês, conhecer a cultura, a história e o jeito de viver daqueles povos era mais comum entre os administradores, chefes das cidades e mesmo cortesãos de alta linhagem. Não poucos foram os beninenses que viajaram à Holanda. Dentre estes, vários *uzamas*, integrantes de um conselho de Estado, através dos tempos, em disputa pelo controle dos obás. Abiola, o chefe de Ughoton, anos atrás, mais jovem, já investido nos poderes de prefeito da cidade marítima, embarcou num dos grandes navios holandeses e foi conhecer a terra daqueles homens de cabelos cor de mel, de pele clara, que se tornava avermelhada, como sol em fim de tarde, bastava ficar um pouco mais exposto a ele. Abiola, entretanto, não guarda em suas recordações da Holanda qualquer vestígio de sol; lembra-se, sem qualquer saudade, de um frio que fazia seus ossos tremer. Abiola, portanto, tinha o dom de saber das coisas na língua em que falavam seus eventuais interlocutores: holandês e inglês.

Na casa de Emotan, em estado de completa descontração, já sob o efeito da dose extra do chá maravilhoso, Obayemi pedia à sua historicamente amiga que visse nas conchinhas, ainda outra vez, qual o melhor caminho para Benin. E explicava: — Nossa principal fonte de riqueza tem sido o tráfico. Temos, ao longo dos séculos, nos livrado de gente imprestável, que mandamos para trabalhar do outro lado do mar... — Obayemi fez uma pausa, quase que um momento de meditação, superando uma contrariedade íntima, e pensou: — Quanto abusos, homens como Abiola têm cometido em nome desses julgamento dos destinados à venda para as Américas! — e prosseguiu com sua fala para Emotan: —... em troca temos recebido armas, cavalos, novidades das indústrias, nestes últimos tempos. Nossos produtos naturais que os interessavam tanto antes, já não importam mais, como peles de animais, pedras e corais e

pimenta. As trocas se dão cada vez mais contra nós: mais pimenta, mais corais e menos armas, menos cavalos.

Cranfield, na sua argumentação, recebendo ainda em casa Obatele, introduzia um novo elemento na conversa, que tinha peso negocial: — Nossos informantes dão conta de que dentro do Brasil há resistência ao tráfico. Assim, além de haver a barreira naval inglesa, que é furada aqui e ali, o maior importador atual de escravos começa a reagir dentro de suas fronteiras. — E arrematou, meio que triunfal, aquele representante clerical da política inglesa na África: — O Daomé, histórico inimigo de vocês, mas exportador de escravos, da mesma forma, começa a receber africanos que se tornaram libertos no Brasil. — E com exagero contrário aos fatos históricos, arrematou — São hordas de africanos voltando para sua terra natal, numa prova irrefutável de que a escravidão está mesmo morrendo. — E, como se tivesse esquecido algo de sua conversa, aduziu: — Houve uma resolta de escravos imensa no Brasil. Era a maior de uma serie de outras pequenas. As autoridades temem que o Brasil venha a ser governado pelos negros, assim como ocorreu no Haiti. — Teatralmente, como se em verdade estivesse na boca do palco, não num púlpito, muito menos em sua casa, sorvendo pequenos goles, mas constantes, de burbom,

falseou por completo dos fatos históricos e asseverou: — o Brasil vai pedir auxílio à Inglaterra para combater, dentro de suas fronteiras, os levantes dos negros. O governador do estado da Bahia já contactou o cônsul britânico nesse sentido.

Abiola, apesar de não ser ingênuo, de saber com quem falava, viu em seus pensamentos que o seu interlocutor seguia uma linha lógica de pensamento e que se o Brasil, visto àquele tempo como uma potência econômica, tamanho o número de escravos que importava e a quantidade de açúcar que exportava, começava a ver na escravidão um problema sério, a ponto de pedir apoio à Inglaterra, o alinhar-se aos ingleses mais estreitamente fazia mais sentido do que ele e Adolo julgavam.

Como estava se encerrando talvez a primeira e única visita de Abiola à residência de Cranfield, este calculou que não poderia deixar de plantar uma pequena semente, e assim fez: — Um tratado de cooperação entre a Inglaterra e Benin pode, perfeitamente, representar auxílio militar para conter as constantes revoltas nas províncias do reino, especialmente dentre

os íbros e, sobretudo, num novo plano administrativo, as regras da chefia da capital podem, perfeitamente, ser alteradas.

Cranfield não deu tempo para qualquer coisa, pois sugeriu um brinde ao visitante e, executada a saudação, tomou a iniciativa de levantar-se, insinuando ao visitante que o encontro havia terminado. Abiola, mergulhado nas últimas palavras de Cranfield demorou um pouco para se erguer; levantou-se então e rumou para a porta, atravessando-a à caminho de um grupo de homens que o esperavam: eram os seus auxiliares, carregadores, áulicos enfim. E seguiu o rumo de Eghoton.

Obayemi também era um homem informado. Da mesma forma, tinha amigos, nacionais e estrangeiros. Aliás, sua posição de chefe da capital, fazia com que houvesse uma verdadeira fila de espera para quem quisesse ter uma audiência com ele. Nessa fila se incluíam nacionais, com pedidos de ajuda, de intermediação de justiça junto ao obá de concessão de terras e, os estrangeiros, alguns com pedidos semelhantes aos nacionais, mas muitos deles pombos-correio de mensagens que vinham da Europa e que tinham o objetivo quase sempre escondido em entrelinhas e insinuações vagas, visando a manutenção, pelos holandeses, de sua relação multissecular e, dos ingleses, de incluir Benin dentro da nova perspectiva do *Foreign Office*, Ministério do Exterior inglês, como território a ser explorado em busca de mais matérias primas para as sedentas indústrias inglesas e de consumidores para o que essas mesmas indústrias produziam; e mais, para a busca de outras matérias primas, estas escondidas no fundo da terra. A África não era mais um ponto de interesse para comerciantes de Liverpool: eles como intermediários do negócio e àquela, como fornecedora do produto humano disputado pelas Américas.

Na composição das peças nesse tabuleiro de xadrez havia ainda um outro elemento que perturbava Obayemi, o prefeito de Benin: os holandeses estava perdendo o apetite pelo comércio com seu país. A balança, considerava o experiente auxiliar do obá, se inclinava lenta, mas inexoravelmente para o lado dos ingleses.

As mesmas informações que Abiola recebera de Cranfield, quanto ao Brasil, o prefeito tinha-as de outra forma: o Brasil resistia, com exceção de algumas autoridades, no estado da Bahia, efetivamente temerosas dos levantes de escravos, em manter o tráfico. Se era verdade

que consentia que uns poucos africanos declarados libertos pudessem voltar para a África — não necessariamente para a nação-Estado de onde foram exportados —, permitia igualmente a inúmeros navios de bandeira brasileira, norte-americana e européias continuar usando dos mais diversos expedientes, e portos pouco conhecidos, para burlar as normas, que, timidamente, começavam a ser implementadas para controlar a importação de escravos. Passou-lhe pela cabeça a lembrança da história de um certo brasileiro de nome Joaquim d’Almeida, rico negociante de escravos, possuidor de grande quantidade de terras no Brasil e em Lagos, que teve seu navio, *Minerva*, apresado pelos ingleses. Ele era um dos que se valia de portos clandestinos para desembarcar sua carga humana no nordeste do Brasil e usar a farsa de declarar estar apenas transportando lastro, ao ingressar com navios vazios em portos controlados, como os da Bahia, Recife ou Rio de Janeiro. Recordou-se, da mesma forma, Obayemi, do horror que esse d’Almeida tinha dos africanos chamados malês, escravos muçulmanos, que haviam provocado uma grande revolta na Bahia. Nesse episódio, usou de todos os meios de que dispunha para que fossem domados e mantidos em cativeiro, enquanto que as autoridades públicas ordenavam o repatriamento dos malês e outros negros revoltosos, o que foi feito em grande escala.

Portanto, à partir dos informes de que dispunha o Obayemi, o tráfico negreiro iria ainda muito longe, apesar de no Brasil haver sido abolido em obediência a tratado assinado com os ingleses.

Essa rodada negocial, que envolvia o despacho com o obá entretido pelos prefeitos das duas maiores cidades, estava se encerrando, após o homem de Uthoton visitar o inglês Cranfield e o outro, de Benin, endereçar-se à casa de Emotan. Novos desdobramentos iriam ocorrer, em semanas, nos meses seguintes, conduzindo os caminhos de todos a um encontro futuro. Uns poucos anos adiante.

Adolo, apesar de ser o santo obá era, também, um pai, portanto, com claros interesses voltados para a questão de sua sucessão. Ovonramwen era o filho mais velho, *edaiquem*, aquele que esperava viesse a sucedê-lo no trono de Benin.

Assim, as pessoas da corte viam de longe, com respeito, mas sem admiração especial, o poderoso homem e seu filho examinando um cavalo:

— Veio da Síria, filho. É um exemplar raro. Um mercador holandês deixou aqui. É teu.

Os olhos de Ovonramwen marearam, suas pernas fraquejaram, mas não a ponto de se dobrarem, afinal, tinha formação real e devia fazer por esconder fortes emoções.

— É o mais alto de sua espécie — pausou o obá — um metro e meio.

Ovonramwen deteve seus olhos, nos grandes, imensos, olhos do animal, buscando já naquele momento um espaço em seu coração. Queria ser amigo do belo animal, e desde o primeiro dia. Ampliou o olhar e foi deslizando por sobre o pelo curto e, podia ver mesmo um pouco distante, sedoso, a emenda com uma cauda alta e, naquele momento, empinada. Era baio.

— Da cor do ouro! Exclamou Adolo. Cuida dele, filho, como se cuida do tesouro real.

As palavras do obá calavam fundo na mente do jovem, mas ele dividia seus pensamentos. As palavras do pai eram assimiladas, mas ele introjetava a imagem da crina sedosa do pescoço equino.

O pai fez um sinal para um ajudante e este fez a cavalaria mover-se em direção ao futuro rei.

— Posso montá-lo? — Indagou Ovonramwen.

— Não, não pode. — Imperioso, falou o obá. — Eu queria que tu o visse. Aí o tens. É teu. Teu pai está te apresentando o presente por antecipação.

Reverente, Ovonramwen não demonstrou o desapontamento interior, mas indagou, olhos baixos, quando poderia montar o animal.

— Bem o sabes... depois de tua iniciação.

Ovonramwen deixou-se ficar, ainda em companhia do pai, próximo, quase tocando o animal, os demais detalhes: pescoço fino, crânio largo, garupa e dorso bem na horizontal. Ali estavam, flectindo a cada instante um dos quatro membros finos e longos. Neste instante, Ovonramwen lembrou-se de Adnaloy, uma das mulheres de Obayemi, para ele uma velha, mas que tinha as canelas e ancas rijas como às do cavalo árabe à sua frente.

— Leopardo. Posso chamá-lo assim, pai? Ovonramwen indagou vividamente, com um misto de súplica e desejo intenso de conseguir o pedido.

— Sim, é um belo nome para um animal veloz. Em breve verás quanto é verdade.

Adolo fez outro sinal com a cabeça, e o cavaliariço ordenou ao animal para que se afastasse dos nobres senhores. Ovonramwen viu o animal afastando-se em direção ao estábulo. Grudou os olhos em Leopardo, depreendendo-os apenas quando este adentrou o abrigo dos animais reais, um local com aparência superior em cuidado e bom gosto do que muitas das casas, mesmo dentro dos muros da cidade.

As coisas do comércio em Benin eram complicadas. A informação que Adolo deu a seu filho, logo no início da visita às estrebarias, era uma meia-verdade. De fato, o cavalo era árabe e, por certo, deve ter vindo da Síria ou da Mesopotâmia, apenas que por caminhos tortuosos e havia já muitos anos. O holandês, homem de recursos, tinha interesse em manter-se em bom relacionamento com o obá. Portanto, de fato comprou um cavalo árabe e deixou-o nas dependências do palácio real. Mas o cavalo era o produto da troca de escravos que o holandês possuía, numa operação realizada em Lagos. Os pais de Leopardo, o nome que o cavalo acabara de receber, já estavam havia algumas gerações na África alta, em locais onde era propícia a criação de cavalos, longe da savana. Os prepostos do holandês haviam feito uma longa jornada, da origem nas terras muçulmanas da hoje Nigéria até o Reino de Benin.

Esta história poderia ser contada por Olosegum, que enquanto o obá mostrava, com intenso prazer, o cavalo árabe a seu filho, conversava, em sua confortável casa, na rua principal da cidade de Benin, com Vincent Van der Nassau, o obsequioso holandês, sempre pronto para atender aos pedidos mais estranhos de Olosegum — para obsequiar ao Obá —, esclarecia. Verdade ou não, o fato é que na situação inversa, quando ele necessitava de algum favor especial de Adolo, quase sempre o conseguia, mesmo os muito difíceis, como costumava dramatizar Olosegum; coisas que podiam ser ou não difíceis de obter dentro da casa real.

— Fiquei sabendo que uma partida de negros altos, vindo de longe, dos lados dos montes nevados — uma referência imprecisa aos montes Kenya e Kilimanjaro, mas definitiva quanto aos possíveis seres: kikuyos e maasais — está por chegar a Benin.

— E você quer o quê? — Indagou Olosegum.

— Uma parcela boa...

— Esses escravos passam pelo administrador geral do Obayemi.

— Então!

— Então tem mais uma pessoa envolvida na negociação.

— Mas o Obá tem interesse direto nesse tipo de carga.

— O Obá sempre tem interesse direto nas cargas.

— Então? Parece que ele absorve toda a margem da negociação; nesse tipo não cabe mais ninguém.

— Sempre cabe mais alguém... e você sabe disto.

— Bom, no que me concerne, gostaria que você fizesse os contatos para me garantir um número expressivo de altos...

— Vinte, chega?

— Não brinque com isto — foi enfático o holandês — estou falando de duzentos, no mínimo.

— Você sabe que os ingleses se interessam...

— Como, os ingleses? — cortou o holandês — eles estão fora disto.

— Não estão, não. — Olosegum gerou uma expressão dura para acrescentar: — Muitos desses missionários estão envolvidos no negócio dos escravos. E eles têm condições de chegar, por eles mesmos, até os ouvidos do Obá.

— Conto com você, Olosegum; conto com duzentos negros altos para eu mandar para acima do equador. Só eles resistem essa viagem iniciada no outro lado da África e que termina no frio enregelante do norte.

— Vou ver o que faço.

A última frase não encerrou a negociação; terminou a conversa sobre aquele negócio em especial, que atraía o interesse do holandês. Continuaram falando sobre cavalos e esportes que se praticavam usando aqueles belos animais, em meio a um cenário interno de duvidoso bom-gosto e indisfarçável ostentação, coisas que comumente andam juntas. Amontoavam-se, sem ordem, peças que um dia iriam ser alojadas em cristaleiras requintadas, no British Museum, em outros museus de grandes cidades européias e norte-americanas, mas também no Museu Nacional de Lagos, Nigéria. Eram cabeças forjadas em bronze e em latão, trabalho executados por artesãos reais, em sua produção secreta. Gravuras em madeira e magníficos entalhes em marfim. Num canto parecia que, naquele detalhe, Olosegum havia sido tocado por um sopro de bom gosto— — resalta, pela incidência de um foco de luz, uma exgtraordinária coleção de contas coralinas. Havia, também, uma grande quantidades de coisas ocidentais, sem utilidade prática no conceito cultural de Benin: pinturas a óleo, livros em holandês, alemão e em inglês, como uma rica Bíblia, encadernada em couro e com debruados de ouro —, e, para encher os olhos de um grande número de pessoas amantes da guerra ou da caça, uma portentosa coleção de armas de fogo. Olosegum tinha, para ele próprio, um museu e uma modesta, na quantidade de volumes, biblioteca, que não podia ler e, o museu, sem qualquer ordenamento. Van der Nassau, certa feita, desejou obter — você me presentearia? — e face à negativa, foi adiante: — Compro. Faça o preço! — Não está à venda, e muito menos vou dá-la. — Referiam-se, ambos, à uma cabeça de mulher em bronze, em verdade a peça de maior destaque no ambiente, tanto pela imponência da produção artística, exuberância de seus corntornos, quanto pelo local onde estava depositada. Preta, a luz natural que se infiltrava no ambiente ensombrecido, fazia com que claros e escuros salientassem o talhe do artista. A luz se refletia, no centro da cara ovalada, dando a impressão, mesmo no bronze, de uma pele humana oleosa, pela devolução da luz incidente sobre si. Na lateral da face, além de olhos moldados com acuidade e percepção, orelhas pequenas, muito discretas. Nos adereços, o artesão havia posto uma malha, que se assentava como um capacete pontiagudo, deixando, num retângulo, meia testa de fora. Testa que terminava sobre sobrancelhas que aplicara, como quatro pequenos retângulos, simétricos em cada metade da fronte, separados por duas marcas, maiores que os retângulos, iniciadas na parte superior do nariz, como que expondo, em relevo, as fossas nasais interiores. O nariz era chato, marcantemente tal, como característica daquele

grupo étnico, assim como os lábios, cada um deles, mostravam debruns carnosos a emoldurá-los. A cabeça assentava-se sobre um pescoço em que anéis, colocados uns sobre os outros, reproduziam sim colares feitos de contas de coralina, que na criação do artista pareciam dar-lhe sustentação. Era, sem dúvida, um rosto de rainha, *doce e compassivo*. Esta imagem, que deveria estar num altar do palácio real, pelos desvios dos negócios escusos, retratava uma rainha-mãe, produzida há muitos séculos, pelo menos a história oral assim indicava.

Horas depois, Olosegum sentava-se à frente de outro personagem, Obasanjô e acertava em cento e cinquenta o número de escravos altos — homens que podiam medir dois metros e dez centímetros e mulheres com até um metro e noventa centímetros de altura. Tinham também o dom de percorrer grandes distâncias, em marcha batida ou correndo, com baixo índice de fadiga. Recuperavam-se em seguida, com o alimento e o sono. Este acerto significava a colocação de mais um elo na corrente que ligava o tráfico ao Estado, num negócio altamente rentável para a sociedade de Benin, que, nos altos escalões, podia usufruir mesmo da arte, a famosa Arte de Benin.

— E quantas peças de pano da Costa? — Indagou Obasanjô, uma espécie de mercador nato. Ele era iorubano, não um edo. Mas nascera em Benin e seus pais ali permaneceram até que, chamados de volta a Eko, como continuavam a chamar a atual Lagos — eram diplomatas —ele preferiu dar continuidade aos negócios que experimentava com grande sucesso.

— A situação está muito confusa no Brasil — ponderou Olosegum. E prosseguiu, numa explicação longa, cheirando a desculpa esfarrapada para tirar mais proveito comercial: — Um ajunto de Abiola aproveitou a estada do chefe de Ughoton em Benin para me fazer uma visita. Chrou suas mágoas, lamentando que os navios que têm chegado do Brasil trazem os produtos muito mais caros que nunca. Fica difícil comerciar com eles. Choramingam que têm de até colocar fora no mar certo número de escravos, porque onde aportam não há condições de absorção de grandes números. Alguns deles têm racionado a compra de alimentos, e os abastecedores do porto estão indo à falência, fazendo com que em meio da viagem comece a faltar comida e têm de fazer escolha entre os que vão comer e os que vão morrer de fome ou jogados no oceano.

— Não acredito nessas histórias. Eles querem é desvalorizar nossas cargas e aumentar o preço das deles. — Fulminou Olosegum.

— Não! — reclamou o interlocutor — a coisa está ruim, mesmo.

Intransigente, Olosegum insitiu: — E quantas peças de pano da Costa?

O pano da Costa, um dos mais requisitados itens de exportação do Brasil colonial, partindo da Bahia, era vendido como pão quente. Em verdade, o pano da Costa teve sua origem na África ocidental, e ao longo dos séculos se constituiu em matéria para produção de vestimenta feminina, em especial. Foi, também, em muito exportado para o Brasil, a fim de abastecer um considerável mercado que foi se formando, da vestimenta rudimentar dos escravos, depois destes e dos libertos, mas que, com o passar do tempo, no século dezenove, face à produção brasileira em escala industrial, passou a abastecer os antigos fornecedores.

A posição geográfica da cidade de Benin, conhecida muito antes da chegada dos portugueses, no século quinze, favorecia sua condição de entreposto de negócios. Era uma cidade cosmopolita, visitada por comerciantes das mais remotas localidades africanas. Por ali passavam certos alimentos, peixe seco, animais domésticos vivos, óleos comestíveis, raízes, alguns cereais, feijões, fumo, metais e carvão para fundição, sal e ouro, têxteis, calçados, produtos da escalada industrial européia; enfim, transitavam tanto as coisas que vinham como matérias primas do interior da África, e que seguiam para além-mar ou eram absorvidas por Benin ou reexportados para seus vizinhos. Homens, assim, como Olosegum, Obansanjô e, mesmo, o chefe de Ughoton, porto marítimo, tiravam partido ao máximo das operações comerciais que, teoricamente, eram exclusividade do obá. Teoricamente, posto que o obá tinha de ficar no palácio deixando nas mãos de seus subordinados a gestão de uma rede de intermediários. Como parece ser também da natureza humana, alí havia exceções; nem todos eram corruptos ou se deixavam corromper.

A conversa comercial desandou para um ponto grave quando se encaminhou para um rumo que desagradava a ambos. Na defensiva, Olosegum sugeriu: — O chefe Obayemi está reclamando falta de pano para suas costureiras. Como é que vamos satisfazer ao chefe?

O ingresso desse elemento era destabilizador em qualquer negociação daquela natureza, porque aquele era o homem mais próximo do obá; e naquele submundo havia a certeza, entre seus habitantes, de que Obayemi era um homem correto, que ignorava muitas

coisas, alguém poderia até classificá-lo de ingênuo, mas que se viesse a tomar conhecimento de algo que julgasse errado obá ficaria sabendo, e a pena de morte vigia sendo o obá o único a determinar sua execução, o que fazia sem qualquer angústia.

— Não tenho pano da Costa, e isto é verdade, e temo que não vá consegui-lo tão pronto. — Contemporizou Obasanjô, a voz sugerindo um lamento. Mas, num crescendo propôs: — Está vindo um lote considerável de tabaco da Bahia. É para os holandeses, é verdade, mas pode-se conseguir em valor mais ou menos igual ao que você deseja em pano da Costa.

Sorriso aberto, afastada a questão Obayemi, o intermediário assentiu, empurrando com gestos corporais seu visitante na direção da porta:

— Trato feito, quando vem o fumo?

— Não demora muito, venho comunicá-lo.

Harry Charles Cranfield tinha uma bela casa em Benin e num anexo que a ela se integrava, mantinha uma espécie de casa de reza. Não era uma igreja propriamente dita, mas um local de orações e convicção de nativos. Aqueles eram tempos, em Benin, quando os ingleses representavam sociedades humanitárias, sediadas nas principais cidades inglesas e que, os tempos ensinariam, não buscavam apenas o que apregoavam e tentavam coagir os outros a fazer: combater o tráfico de escravos. Assim, como Cranfield, um missionário, missionários espalhavam-se pelas África toda. Tinham grande aversão à costa — chamavam-na de *withe men's grave*, ou cemitério de brancos —, tamanha a mortandade de europeus que o impaludismo causava. Cranfield guardava em seu diário de vida uma estada em dois pontos da costa, Costa do Ouro e Lagos, tendo adquirido nesse porto a malária que não o matara, mas que ia e voltava, causando crises de ciclo imprevisto, quase todos prenunciando uma morte que, para sua felicidade, desusadamente não acontecia. Eram, tais ciclos, controlados por um chá, infusão com a casca de uma pequena árvore, amarga como fel, mas eficaz no baixar à

febre e, por conseguinte, evitar convulsões e outros efeitos nocivos da malária. Outros companheiros de saga, e foram muitos, haviam sido inoculados com o plasmodium dos mosquitos contaminados e já estavam em baixo da terra, tendo na cabeceira a lápide que desejariam, se houvessem podido escolher, tê-la semi-enterrada num cemitério anglicano, em casa.

Neste momento apenas a casa estava cheia. Ontem seu recanto de reza da Bíblia, versão do rei James, primeiro, estivera ocupada por um pequeno punhado de nativos, atraídos menos pelo linguajar bíblico do que, por pobres, pelas comidas e poucos presentes que o ali religioso oferecia. E cheia estava a casa de brancos comerciantes. Bebiam gim, burbom, cerveja, vinho e empanturravam-se às mãos-cheias com comidas da terra, produzidas viscosamente com azeite de dendê.

A festa na casa de Cranfield, verdadeiramente, regurgitava — estava a transbordar de tanta gente. Deveria estar absolutamente normal para aquela gente européia, a festa onde soltar gases intestinais, tampouco sonoros e benfazejos arrotos, não causava espécie. a Temperatura constante na cidade é elevada, portanto, as pessoas suam intensamente durante o dia e, sem se banhar, recamam o sal da secreção sudorífica num processo constante e fétido. As roupas, comumente inadequadas, muitas delas continham componentes de couro animal mal curtido, produzindo um odor muito característico. Podia-se ver, a um certo canto, alguém com uma bota calçada e a outra não, enquanto coçava, por entre um furo num simulacro de meia, o que poderia ser a casinhola subcutânea de um bicho-de-pé. Falar alto e bravatar, era o tom, assim como narrar histórias de horror, classificando-as com uma boa piada — *a good joke*:

— ...então a negra, no convés, solta para ser lavada... vocês precisavam ver como fedia aquele animal... — risos generalizados, e tapas nas coxas de pernas flectidas ou nas costas de desbragados ouvintes — apanhou sua cria e colocou-a no colo. Tinha uns sete anos, o potrinho. Eu estava num canto do convés, e tinha certeza do que ela ia fazer. Mas estávamos curtos de alimentos, parte da carga iria mesmo ter que ser lançada ao mar. — Os risos pararam, apenas para dar ouvido ao narrador, não que o silêncio nascera de qualquer tipo de apreensão com o que iria ocorrer. — A negra foi indo caminhando de costas... bem devagarinho até a murada do navio. Ela dava um passo para trás e espreitava para ver se alguém cuidava o que ela estava fazendo. Não, ninguém estava preocupado com ela; havia

uma azáfama em atirar água na carga. E ela marchava para trás. Sentou-se, num impulso, na amurada... e ninguém olhou. Ela olhava para o convés do navio, suas costas estavam para o mar, vários metros abaixo. A negrinha presa no peito da negra. Eu via tudo, lá longe, quieto, mascando um naco de uma ruma de fumo. Ela abraçou, ainda mais, como que esmagando contra si a negrinha, e emborcou, caiu, sem um grito sequer, no mar, lá embaixo. Cuspi o fumo, e dei às costas. Eram duas bocas a menos.

— E a negra morreu? — Indagou uma voz cujo tom tinha tudo de curiosidade, uma gota sequer de piedade. Pareceu até ao narrador que era galhofa a pergunta.

— Fantasiando, para dar mais sabor à história, disse que não. O tubarão que apareceu gostava apenas de petiscos e comeu só a negrinha...— Muitas risadas e apupos, além de brindes com as canecas que continham suas bebidas.

Outra voz se intrometeu para contar o seu caso. Todos em volta pararam o riso, continuando a bebericar de suas canecas:

— Eu não sou sodomita, — disse e recebeu de volta uma onda de contestação que era mais uma confissão comum de que todos ali ou já haviam praticado sodomia ou, mesmo, gostavam daquilo. Prosseguiu.

— Sempre me chamou a atenção o traseiro das negras, especialmente àquelas lá do Congo e de Angola. — Referia-se, por certo, às que a hiperlordose congênita tornava-as portadoras de volumosas nádegas.

O narrador continuou: — Pois estávamos transportando uma carga de negros de Angola, e eram apenas homens naquele grupo. Certa feita, depois de uma longa caminhada, paramos numa clareira, boa de sombra e com uma pequena cascata com água fresca. Era impossível para os negros fugirem, assim que os libertamos para tomar água e se molharem, se quisessem. Um deles, deveria ser um negrinho de uns dezesseis anos, ficou por mais tempo na água, e eu fiquei apreciando seu corpo nu. Ele estava de costas para mim. Era tão tentador, parecia uma daquelas mulheres bundudas lá de Angola. Fiquei a admirar aquela peça, e meu corpo começou a reagir. Quando me dei conta havia, só de ficar olhando o negrinho, me molhado todo. Dentro de minhas calças era uma gosma única! — Risos gerais e incontidos. Ovações e tapas nas costas e ingestão de goles de suas bebidas.

Prosseguiu: — À noite, quando dormia... — Fez uma pausa para dramatizar sua narrativa. Continuou: — ... vocês precisavam ver o corpo dele. Era uma perfeição. Afinal, tão jovenzinho! Fiz uma promessa para mim mesmo: ele passaria a ser minha fêmea e, por isto, eu ia amestrar ele, sem machucar. — O silêncio era sepulcral. Apenas alguns ruídos do engolir um pouco de bebida, por um que outro dos atentos ouvintes. Prosseguiu: — Ele estava cansado, dormia a sono solto. Amarrei suas mãos, os pés já estavam acorrentado. Ele dormia de bruços. Ele nem notou a prisão de suas mãos; afinal, amarar e desamarar era rotina que escravo não estranhava, após algumas semanas de deslocamento pelo mato. Como ele estava imobilizado, apanhei um pouco de azeite de dendê untei minha mão e comecei a passar, levemente, sobre aquelas grandes e bem formadas nádegas, até que esparramei o óleo sobre o ânus, escondido entre as nádegas. Lubrifiquei minha vara... — O silêncio rompeu-se para dar lugar a risos incontidos. A bondade do narrador, aliada à desgraça iminente do personagem, gerou uma onda de cumplicidade entre todos os que ouviam. A onda de prazer geral decresceu para o narrador informar o que fez a seguir.

— O grito de horror do negrinho foi tamanho que eu mesmo me assustei. Os outros negros também acordaram, se assustaram, constataram o que acontecia, mas temerosos viraram suas cabeças, como que lavando às mãos ante o ocorrido. — O narrador gerou um clima de surpresa, constatado na maneira como sua platéia ficou calada.

— A dor que ele sentiu — o narrador se referia, naturalmente, à dor física, ele era incapaz de compreender a dor moral, irreversível que causara ao jovem estuprado — foi abrandando, pois deixei passar dois dias e, quando ele dormia, voltei a me acasalar com ele. E ele não gritava mais. — Júbilo no auditório. Alguém até chegou a interferir na narrativa: — É assim mesmo, depois eles até gostam.

A história que ele queria contar, quando iniciou a narrativa, deveria ser entendida como uma história triste. Seu despreparo, todavia, conduziu a história para onde estava — o vangloriar-se de um ato considerado como viril. Tanto que, assim terminou:

— No fim daquela semana, minha fêmea pediu para ficar sem as amarras. Concedi, afinal, era minha fêmea; me respeitava. Gostava de mim. Deixa-me penetrá-lo à noite, é claro que estava amarrado. Pois então, sem as amarras, fez sinal que iria apanhar um coco, e foi subindo árvore acima. Era um coqueiro muito alto. Ele demorou um tanto para chegar lá em

cima. Então, sem explicação, ficou com suas pernas abraçadas a haste de uma palma. Estava de cabeça para baixo. Aí, abriu as pernas, caiu no espaço e virou, sem seguida, uma massa carne dilacerada, ossos quebrados e expostos e uma poça de sangue, bem aos meus pés.

A festa de Cranfield teve até um momento de glória para o anfitrião, quando alguém indagou se ele era, mesmo, descendente de um certo Cranfield que sofrera *impeachment*, quando ministro do rei James, o patrono de uma versão da Bíblia que Cranfield usava sempre. Respondendo em voz alta apregou a ascendência nobre. Todos ficaram felizes, afinal não importava, ou já havia sido esquecido, o motivo do *impeachment*: corrupção, algo, assim, hereditário.

A um canto, depois de se desvencilhar de alguns convivas, Cranfield achou tempo para conversas em voz mais baixa — afastara-se da algazarra — com um outro inglês, recém chegado de Ughoton. Atravessara o Atlântico no impressionante HMS Warrior, da Marinha Real Britânica, o último de uma série de grandes navios de guerra, construído nos estaleiros de Portsmouth Royal Dockyard. Sua passagem por Serra Leoa, Costa do Ouro, Lagos e agora Ughoton, em Benin, não deixava dúvidas quanto ao desejo inglês de mostrar seu poderio imperial. O navio, para os anos do século dezenove, era só comparável, em nossos dias, a um dos gigantescos porta-aviões norte-americanos.

Extremamente discreto, o capitão-de-fragata Harry Levingston Sauer fizera o máximo esforço para não ser notado. Tinha uma missão a cumprir e essa envolvia Cranfield. Foi direto ao assunto:

— A aproximação final com Adolo tem de ser executada com mais empenho, mesmo que não envolva muita rapidez, mas tem de ser decisiva. A questão de Lagos havia sido resolvida de outra forma; Benin tem outra importância e desempenhará outro papel no relacionamento com a coroa. E esse papel é uma estreita cooperação entre a Inglaterra e obá. Ele está tendo muitos problemas em suas colônias e nós poderemos ajudá-lo a por cobro às insubordinações.

O oficial visitante e o sistema que ele representava, não confiava de todo em Cranfield; afinal, era um religioso usado como instrumento da inteligência britânica; não era formalmente um agente infiltrado e treinado para isto. Por tal, deixou como suposto caminho a ser seguido

no futuro pelos ingleses, algo diferente do que haviam feito em Lagos, que passara a ser uma colônia britânica. Aos ouvidos de Adolo, pelos labirintos que representavam seus assessores e cortesãos, que se comunicavam com Cranfield, deveria chegar a versão de uma cooperação, jamais de anexação. O oficial inglês, que estivera à paisana no grande festim, passou a seu anfitrião uma série de informações, magnificadas, relativas aos prejuízos que chefes insubordinados e descontrolados, em importantes rotas comerciais, estavam causando a Adolo.

— Guarde isto, ministro Cranfield — concluiu seu trabalho o oficial — Adolo recuperará todo o fluxo comercial perdido, bastando apenas que venhamos a apoiá-lo, firmando um tratado de cooperação militar.

Antes de partir pediu a outro loiro jovem, ali seu companheiro, mas em verdade um ajudante-de-ordens também à paisana, que entregasse uma caixa de madeira para Cranfield. Sem abrí-la, o que poderia chamar a atenção de algum curioso, esclareceu:

— Faça chegar às mãos de obá Adolo. Diga que é um presente do Ministro dos Negócios Exteriores da Coroa Britânica. É uma obra de arte da engenharia bélica britânica: uma arma de carregamento pela culatra. Junto há uma estoque razoável de cartuchos de disparo.

Viajava em direção ao porto, no dia seguinte, o marinheiro inglês, quando recapitulando cada palavra e insinuação que plantara, teve um devaneio ao recordar certa aula de história, na Britannia Royal Navy, a Escola Real Naval, quando aprendeu a diferença entre dois ministros de James, primeiro, que haviam sofrido *impeachment*, por parte do Parlamento: um era o pensador Francis Bacon, o outro, seguramente parente daquele padre aldeão, um ladrão do tesouro real, que se chamava Lionel Cranfield, um comerciante que se tornara tesoureiro real..

Na cabeça do capitão-de-fragata Harry Levingston Sauer, filho de tradicional família inglesa, não passou, porque a história tinha de conservar a imagem do pensador íntegra, que o impedimento parlamentar de Bacon foi por haver sido condenado por corrupção passiva: aceitou suborno.

Neste mesmo dia do embarque do oficial britânico chegava um pedido de Cranfield a Eyo Akpo, general chefe do Exército de Benin, para um encontro.

O sacerdote inglês conseguiu para daí há alguns dias a reunião que desejava. Tinha o objetivo claro de cumprir a ordem recebida pelo oficial, ou seja, encontrar meios de fazer a entrega a Adolo do presente deixado em nome do Ministro dos Negócios Exteriores da Coroa Britânica. No dia do encontro Cranfield apareceu com duas caixas exatamente iguais, carregadas por auxiliares nativos. Adentrou a casa do militar, e Eyo Akpo o recebeu amigavelmente. Sentaram-se e, à frente do militar, foram depositadas as caixas.]

— São presentes, para vossa excelência, uma caixa, e a outra para o Rei.

Eyo Akpo não simulou desinteresse, com os olhos deu a entender que uma das caixas deveria ser aberta imediatamente. E ratificou esse interesse com um gesto da mão que se seguiu. Um dos carregadores empurrou a caixa mais para perto do general, e Cranfield ergueu seu avantajado traseiro do banco revestido com pele de leopardo, curvando-se para abrir uma jeitosa fechadura dourada. Fez algumas medidas para simular dificuldade em encontrar a chave e outras para dar a volta na fechadura e, após o clique que rompeu o silêncio que se fazia, abriu-a. Apareceu ante aos olhos do soldado algo realmente impressionante, especialmente para um militar. A moderníssima arma, para uso individual, era uma obra prima em seus detalhes. Eyo Akpo não se fez de rogado e apanhou-a, empunhando-a de forma correta, encostando a culatra em seu ombro, apontando para um espaço perdido entre o local em que estava seu visitante e o nada.

Cranfield fez uma sumária exposição sobre a situação da indústria bélica na Inglaterra. Falou do uso experimental dessas armas, que dependiam de cartuchos recheados de pólvora, com uma ponta ogival descartável, que era o projétil, que chegava a atingir um objeto distante dois quilômetros. Contou que as armas haviam sido usadas experimentalmente na guerra da Crimeia, com grande sucesso, e que em breve poderiam armar o Exército de Benin. Mostrou, ainda, no estojo-presente, uma repartição onde se alojavam centenas de projéteis.

O general Eyo Akpo examinou com cuidado e olho acurado a arma, sacudindo a cabeça em tom de incontida surpresa e profunda indagação ante um detalhe que, em verdade, viria a mudar para sempre as armas de fogo: a alimentação pela parte de trás — culatra, Cranfield introduziu o neologismo — e abastecida com um novo elemento, uma peça única e recheada com a pólvora que antes era carregada em sacolas — projétil, o inglês colocou em circulação o segundo neologismo.

— Tão pronto estejam disponíveis organizarei para que uma carga experimental seja posta à disposição de seu exército. — Falou o religioso, querendo cativar ainda mais o general.

Demorou muito tempo o exame que Eyo Akpo fez da arma e da munição que acompanhava. Depois, passou a ouvir a história que o oficial inglês havia plantado. Ao fim da visita, pediu Cranfield para que a segunda caixa, que era exatamente igual à primeira, fosse entregue, no momento que o oficial julgasse conveniente, ao obá Adolo. Não mencionou seu interesse em que a história que passara adiante, vinda de Londres pelo oficial visitante, fosse levada ao obá. Isto ele sabia: com a arma, sua culatra e seus projetis inquestionavelmente a história estaria junto.

A arma, todavia, seguiu por um outro caminho, jamais sonhado, nem por Cranfield, muito menos pelo nobre capitão-de-fragata, que subestimara os meandros do sistema social de Benin. Homem tranqüilo, frio e calculista, para as coisas da defesa de seu país e de seu senhor o rei, era, assim, um reverente e leal súdito do obá; reverencioso, da mesma forma, às crenças de seu povo e às instituições religiosas, a tal ponto de aceitar, como honrosa escolha de Osanobua, deus supremo, o fato de ter um filho homossexual, devotado integralmente às lideres religiosas, desempenhando o papel que lhe cabia junto a Emotan, e entregando sua carne, a juntar-se com a de um semelhante, fato que a sociedade local aceitava como normal, naquela circunstância cultural religiosa..

O general Eyo Akpo mandou um de seus ajudantes-de-ordens levar a bela caixa, artisticamente produzida em madeira nobre, à casa de Obayemi, o chefe da cidade de Benin. O objeto chegou ao prefeito após passar por um bom número de auxiliares, dizendo-lhe o derradeiro mensageiro, que aquele era um presente para o obá e que o general Eyo Akpo viria abrir a caixa, pessoalmente, para mostrar seu conteúdo, no dia seguinte. Obayemi ouviu a mensagem e continuou executando o que fazia, sem dar importância ao estojo, que não obstante achou bonito.

O dia seguinte chegou e no entardecer, sem hora marcada ou qualquer aviso, o poderoso general Eyo Akpo adentrou o palácio do chefe de Benin e encontrou-se, deixando no caminho curvados e reverentes assistente, parentes e convias, todos a afastarem-se à medida em que passava, até chegar a um pequeno bosque, no interior do que se poderia chamar de

grande pátio, o mesmo pátio ao fundo do qual postavam-se as casas de suas mulheres, onde descansava, recostado numa cadeira especial, seu velho amigo Obayemi. Cumprimentaram-se, à moda local, como se não se vissem há um século. Perguntaram, respectivamente, citando nomes, por familiares, bens semoventes e algumas árvores. Reverenciaram mortos ilustres, mortos não tão ilustres, mas amigos comuns, cujos espíritos estavam agora sob as águas e começaram a rememorar coisas do passado.

A rememoração do passado, dos dois respeitáveis cidadãos de Benin, traziam uma mistura de aceitação do tradicional e repúdio ao que a vida, como homens públicos, lhes havia mostrado com relação aos europeus. A tradição, baseada no empirismo transferido de geração para geração, via oral, ligava os europeus — mais precisamente os portugueses, primeiros a tocar o chão de Benin — às águas. Eles chegaram das águas e sua estada se confundiu, com o passar do tempo, com os holandeses, também vindos pelas águas — trazidos, portanto, pelo mais importante símbolo de sua mitologia, Olokum, o deus das águas. Chegados pouco antes de se encerrar o século quinze, ficando a fazer comércio nos séculos adiante, esses europeus fizeram os nativos conectar divindade e prosperidade. Com o comércio marítimo trazendo bens de consumo da Europa e levando matérias primas não só de Benin, mas de muitos pontos do interior africano, que transformaram Benin numa encruzilhada comercial, o reino dos obás projetou-se adiante de outras nações-Estado suas contemporâneas. É compreensível, portanto, a imagem constante hoje em dia no Museu Nacional da Nigéria, e que naquele momento jazia a um canto da casa do prefeito, de um bronze que, retrata um soldado, possivelmente português, com um capacete, malha de metal no uniforme, empunhando uma garrucha, significando, na tradição oral, que os portugueses portavam, potencialmente, o perigo e a riqueza.

Nem Obayemi, tampouco o general, repousavam muita confiança nos europeus. Esses dois tinham mais restrições, ainda, aos ingleses. Ambos achavam que os movimentos sub-reptícios dos britânicos eram suspeitos; deveriam ser cuidadosamente examinados. Os dois sabiam que o obá, mesmo influenciado por outras forças, era um genuíno nacionalista, um amante da tradição de seu povo, do que, aliás, era o guardião supremo, mas ouvia aqueles que apoiavam os ingleses. O general, ao fim da longa conversa, tempo em que o dia foi tragado pela noite chegante — estavam os dois na penumbra conspurcada apenas por luminiscência vindas de lâmparinas, queimando óleo de dendê, nas casas das mulheres em contínua azáfama — disse mansamente:

— O padre inglês me visitou. Levou duas caixas. Uma deu para mim. A outra, que ele diz ser semelhante — eu não a abri —, é para o Obá.

Seu companheiro continuou respirando mansamente, cabeça baixa e não falaria nada, como de fato não o fez. Prosseguiu, então, o general:

— Se são iguais, contém uma arma muito moderna, alimentada não pela boca, como as que temos, mas por trás — culatra é o nome que deu —, e ao invés de comer bolinhas de chumbo, o que ela vomita vem numa embalagem de metal, dentro da qual está a pólvora e na ponta o elemento de sai e atinge o alvo — projétil, ele disse.

Tudo isto era uma concepção nova, absolutamente incompreensível para o prefeito. De forma que, sentindo que algo de importante ali estava, e que poderia ameaçar de alguma forma seu país, cometeu dois movimentos. O primeiro, sacudiu a aparente apatia com que ouvia esta parte da conversa com seu amigo e que tratava do presente ao obá. O segundo, e mais grave, mas pensado naquele instante e assumido, foi o de, em verdade, interceptar um presente para o obá.

— Como eu posso ver o presente?

— Eu tenho uma chave. A caixa está fechada. Aqui está.

O general seria solidário a vida toda ao seu amigo *uzama*, mas um temor interior, o respeito atávico ao obá o impediu de tomar a iniciativa, no fundo de seu ser, sacrílega. Assim, passou a chave para as mãos de Obayemi e, num gesto suave, reverente genericamente — sua humildade era para com o *uzama*, para com o obá, para com os deuses — se afastou, olhando como que de viés ao que fazia o amigo.

A caixa foi aberta e seu conteúdo exposto. O prefeito apanhou a arma e impressionou-se, no quase escuro total do local, com o que via. Fez um gesto, as mãos estavam ocupadas, com a cabeça, que o general entendeu como de mandar alguém aparecer. E do nada, imediatamente, apareceu alguém todo encurvado, pronto para receber uma ordem. Voltou em seguida esse serviçal portando um lampião potente, daqueles vindos da Europa, que tornou dia aquele recanto onde estava a arma.

O general então passou a explicar como funcionava a nova máquina de guerra. E Obayemi compreendeu sua importância em um segundo. Viu, sem que nada lhe fosse dito, na

intuição que a vida assegura a certos homens, que estava diante de algo imbatível. Sentiu a distância imensa que separava o exército de seu amigo, afinal, o exército de seu povo, diante de soldados que portassem aquelas armas. Obayemi ficou mais chocado ainda, no tornar-se perfeito seu raciocínio e temor, quando o general falou:

— Atinge um alvo a dois mil metros de distância.

A arma ainda não havia chegado até o obá. O prefeito decidira que ela estaria em mãos dele, tão pronto fosse marcado o próximo encontro, que deveria ocorrer em no máximo dois dias. Ele, todavia, calculava e recontava se e como deveria contar ao obá a mensagem que veio junto com a arma, na versão militar que o general Eyo Akpo lhe passara, diferente da que o religioso inglês trouxera. Seu filtro expurgou o exterior da mensagem, concentrando-se em seu cerne, no que ela tinha realmente de significado logístico entremeado ao palavrório estéril. Assim, o chefe da cidade de Benin carregava uma batata quente, e tinha de administrar o problema segundo suas crenças e convicções.

A conversa dos velhos foi, entretanto, indiscretamente ouvida por um dos jovens da casa do chefe de Benin. Este repassou-a, à sua maneira, a Obaro, segundo filho na sucessão do obá, inocente quanto à importância do que falaram, nem entendeu bem o que diziam, mas ressaltou, para agradar seu importante amigo, o presente que o obá iria receber, uma vez que Obaro era fascinado por armas e guerra.

Sem saber, a amizade imemorial do obá com seu prefeito da capital e, mesmo, a posição de Obayemi, esteve a ponto de ruir, com a tomada de uma medida drástica do obá, houvesse ele atendido o pedido de seu filho para recebê-lo. O jovem queria contar que o chefe da capital havia visto um presente real antes do obá, o que se constituía em romper um tabu, e rompimento de tabu real podia representar, fosse quem fosse, a imposição da pena de morte. Daí a preocupação do general e a seriedade da decisão tomada por Obayemi. Ganhou o país, com a negativa da audiência, porque o assunto do jovem herdeiro se esgotou no círculo dos meninos. O destino estava a balançar, mas pendeu novamente para o lado de Obayemi quando Owonrrawen, príncipe herdeiro, soube da nova arma destinada ao obá, mas não atinou para o fato relevante de que o chefe da cidade havia interceptado o presente real. Ficou muito curioso em ver a arma, que, sim, já se encontrava em mãos de seu pai e que o tratando de forma

diversa que a seu irmão, recebeu-o sem que qualquer audiência fosse marcada. O obá deliciou-se, junto com seu *edaiquem* manipulando a moderna e sofisticada máquina de guerra.

A batata quente continuou nas mãos de Obayemi, mesmo após a entrega da ama, pois contrariando a estratégia vinda de Londres, apenas o fuzil caiu nas mãos do rei, em seus ouvidos gotejou apenas uma discreta menção ao governo da Inglaterra.

— Vamos retribuir-lhes com uma obra de arte de nosso *iguneronmwan*,. — Disse o obá referindo-se ao mestre dos metais, pai de Kotou, dando por encerrada a troca de gentilezas.

Obayemi concordou sem restrições nem sugestões. Saiu da entrevista, que deixara o obá genuinamente feliz, tendo de jogar mais uma cartada, e esta envolvia pessoa que ele não incluía em seu círculo de amigos: o prefeito de Ughoton. Falaria antes com Emotan.

E o fez. Voltou, com o prazer de sempre, à casa da sacerdotisa, onde o olor das folhas verdes, misturado com o rasto de vegetais secos, tinham o condão de, já adentrado nos anos, voltar à sua meninice. Eram odores que lhe diziam da infância, filho do chefe de Benin, recebendo carinho da *ogwega* que antecederia à Emotan, Obayemi crescera naquele ambiente medicinal e espiritual.

Como sempre, a velha companheira serviu-lhe do chá. Conversaram sobre trivialidades até que Obayemi pôs na mesa suas preocupações. Emotan preferiu apanhar o conjunto de quatro fileiras de conchinhas, cada um com quatro búzios, lançando-os ao azar.

A leitura, interpretação da posição em que as pequenas unidades calcárias ficaram trouxeram Emotan a recordar um outro encontro que tiveram, pouco tempo atrás, e que na recorrência fazia com que a questão se tornasse efetivamente relevante; a manutenção da sociedade beninense, na forma como eles a conheciam e como desejavam conserva-la. A posição dos búzios lembrara assim quando, de forma comum, ambos externaram sua preocupação com relação ao Príncipe. Ele representava a sucessão do obá, e a sucessão de Adolo poderia se encaminhar para um destino diverso do que eles, Obayemi e Emotan, desejavam, ouvindo, ambos, às vozes dos ancestrais.

— Obayemi, você tem uma missão que se inicia claramente agora.

— Não Emotan, não se inicia agora. Já a carrego como minha responsabilidade há anos.

— Mas você assume agora, perante os ancestrais, a responsabilidade de moldar o futuro. Você passa a ser responsável pela sucessão tradicional em nossa nação; mas fique certo de que, mesmo que as coisas não aconteçam, num primeiro momento, como estaremos esperando, a nação perderá, e renascerá, sofrendo adiante por muitas gerações, mas ressurgirá gloriosa dentro do ventre de algo maior ainda. A Terra dos Negros. — Encerrou Emotan, recolhendo as quatro fileiras de pequenas conchas, depositando-as no repositório que somente ela tocava. E, como se houvesse esquecido de dizer algo, no momento em que Obayemi se levantava para ir embora, disse mansamente, gerando em seu amigo o mesmo efeito produzido pelo chá que prescrevera, tirando um peso dos ombros do prefeito de Benin:

— Não vá a Ughoton. Esqueça Obatlê, por algum tempo.

Obayemi voltou, com seus assessores e vassalos para seu palácio, sentia-se, com a responsabilidade dos ancestrais, revelada por Emotan, mais leve. E descontraído foi a casa de uma de suas mulheres.

No mesmo dia em que o brilho dos olhos do *edaiquem*, o filho mais velho de Adolo, Ovonramwen, enchiam de alegria o pai que indicava o cavalo que seria seu, o Leopardo — naquele mesmo dia, em instante diverso Kotou era levado por seu pai ao interior de um sacrário: a casa onde produzia suas obras. Na tradição beninense, Ovaitiocum, pai de Kotou, era uma espécie de deus, um *iguneronmwan*, mestre dos metais. No pensamento histórico, Osanobua, deus supremo, criara o mundo e os seres que nele estão. Os artistas, por consequência, eram como deuses quando em processo de criação, produzindo sob a inspiração desses.

Kotou, de tempos em tempos, migrava, espiritualmente, do mundo material. Seu corpo ficava, como que cataléptico, o espírito se transportava para alhures. Não importava se em casa, ou brincando com seus companheiros, de repente acontecia. Entrava numa espécie de transe que os meninos não entendiam. Deixavam-no ficar assim até que um deles o cutucava, trazendo-o de volta ao seu convívio. Não sabiam, todavia, que um dom muito especial levava-o a lugares exóticos, onde as pessoas vestiam-se de maneira inexplicável, as ruas das cidades eram diferentes das de Benin, e falavam de forma estranha, mas que ele conseguia entender. E que ao ser trazido de volta à realidade, jamais se lembrava do que havia ocorrido. Esses tranSES eram explicados pela cultura oral, que dizia ainda sobre os artífices, como era seu pai e ele seria um dia: o artista recebe o poder da criação — na língua edo, *ase*, em sonhos e visões, geralmente precedido de um processo de grande sofrimento. Muitas vezes, pensam assim os beninenses, a pessoa se revela como um artista através da divinação ou da possessão. Mas, num certo momento, o artista é comandado diretamente por Osanobua ao criar coisas e matérias encontradas no mundo visível. Ah!, existe na cultura benin o mundo invisível.

Pois Kotou finalmente adentrava no sacrário artesanal de seu pai. Para qualquer pessoa, tratava-se de uma oficina com muitas coisas mal ajeitadas; com pedaços de madeira ou, mesmo, toras e pranchas; havia barris que continham cera de abelha. Lá estavam cubos de cobre, zinco e estanho, usados sozinhos ou combinados na confecção de ligas, como bronze e latão. Mal cuidadas — ladrões não ousariam tanto — havia sobre bancadas pepitas de ouro, que ele usava fundindo-as na confecção de objetos diversos. Kotou movia-se como um zumbi, maravilhado com aquele mundo fantástico de quinquilharias e obras de arte em princípio, meio e acabadas.

Tinham igual importância, para os dois meninos de mesma idade, a estrebaria real, com seus cavalos puro-sangue, vindos de lugares remotos e as barras de metal, os cadinhos onde, enfumaçados e velhos, ele constatou por si mesmo, fundiam-se os metais. O pai explicou-lhe sobre a execução de um processo alquímico que, junto à corte, apenas ele sabia e estava credenciado a fazer. Kotou, em breve, seria como seu pai, um *iguneronmwan*, o artista dos metais, muito superior ao *igbesanmwam*, artesão que produzia peças em madeira e em marfim. Kotou, num transe, adiante, iria ensinar as duas artes, mais àquela de oleiro, a um ancestral desgarrado no torvelinho do comércio de homens para a América.

Homem calado, não se incluía em suas rotinas, no seu jeito de agir, conversas com suas mulheres, mesmo a sênior dentre elas, que não era a mãe de Kotou. Assim que a iniciativa tão aguardada pelo jovem de um dia entrar na oficina o colheu de surpresa. Mas ficou muito mais estupefato à medida em que o *iguneronmwan* passou a descrever, didaticamente, cada uma das peças, seus objetivos e funcionamento. Deteve-se, com um resumo histórico, na missão de homens como ele, e na importância do trabalho na preservação da cultura da nação. Kotou sentou-se, por determinação do pai, como um aluno na escola, e passou a ouvir a descrição do processo de fundição que usava como um dos componentes a cerca de abelha. O *iguneronmwan* movimentava-se, pacatamente, apanhando alguma coisa aqui e acolá, tornando aquele encontro em, se podia dizer, uma aula teórica da técnica de fundição. Kotou já havia demonstrado exaustivamente a seu pai e especialmente aos amigos sua capacidade de artesão, dom com o qual nascera. Transformava pedaços de madeira, galhos de árvore, sobras de marfim e, moldava o barro, com uma habilidade notável. Tinha certeza que um dia faria o mesmo com as ligas metálicas.

Praticamente repetindo, com outras palavras, aquilo que o obá dissera ao seu príncipe herdeiro, ao mostrar-lhe o cavalo, o pai de Kotou falou:

— Tu ainda não vais começar a trabalhar aqui. Só após haveres, como os demais jovens de tua idade, participado do festival de iniciação. E como está perto, faz parte da tradição que eu te traga aqui.

A atitude tradicional e formal do pai fora um verdadeiro abrir portas para o jovem futuro artesão dos metais. A oficina, modesta quem sabe, na visão material de uma pessoa comum, ganhara a dimensão de uma imensa caverna, com sombras e claros, exatamente como uma das formações que conhecera, juntamente com outros meninos, nas proximidades do grande rio, que, mal sabia, iria ser a ele conduzido, como parte do processo que seu pai iniciara naquele dia. O jovem não teve como conter a pergunta, assim que sentiu que poderia falar:

— Por que, meu pai, na sua maioria são cabeças as *criações dos iguneronmwan*?

O mestre achou procedente e adequada a pergunta, e deu uma pequena lição a seu pupilo:

— Nossos dois mundos — *erinmwin* e o *agbon* são partes de um conjunto de forças do bem e do mal, cada qual em busca do controle, assim, em luta permanente entre eles. Da

mesma forma — prosseguiu o mestre, mais modesto do que professoral — os seres humanos: possuímos dentro de nós poderosas forças, da mesma forma buscando uma suplantar a outra. Igualmente, em permanente conflito. E elas, meu filho, estão em toda parte de nosso corpo... qualquer parte dele, do importante dedo polegar do pé esquerdo ao mais extraviado dos fios de cabelo em uma cabeça.

— O *iguneronmwan* coçou a cabeça, numa relação reflexa à referência ao cabelo, e prosseguiu: — Existem, entretanto, pontos onde uma e outra têm maior concentração. É o que acontece com a cabeça, *uhunmwan*, que é onde reside o conhecimento; o outro é a mão, *obo*, a sede da ação. O primeiro dos *iguneronmwan*, criou a cabeça de uma rainha. Seus sucessores, como eu, também criamos a cabeça das rainhas que passaram enquanto estamos vivos. As cabeças retratam o que vai na sede do conhecimento e das sensações do ser, são assim um desafio para o artista. É extremamente complicado por no molde o que os olhos retratados trazem da alma; o que a pele, pelo estado de tensão está dizendo; as narinas e especialmente os lábios. As cabeças que estão aí, por toda a parte, são exercícios que tu estarás realizando, a vida toda, para ser capaz de produzir a cabeça da rainha de tua geração. E ela estará, em verdade, participando de uma competição que se repete desde que Iguegha veio de Ifé, a cidade sagrada dos iorubanos, e ensinou aos artesãos como se transformarem em *iguneronmwan*.

O mestre já havia falado mais do que fizera em muitas semanas. Assim, parecia cansado. Exaurido. Como ficava ao fim de uma obra. Mas buscou o que restava para ensinar metade do grande segredo: — Tu não vais jamais criar cabeças de obás, mesmo depois que partir ao encontro de uma das minhas quatorze encarnações.

A outra metade ele contaria depois da iniciação de Kotou, quando ele adentraria, para cumprir uma rotina perene, na oficina real: seguindo a tradição — Adolo, o obá reinante, iria interrompê-la, mas o mestre não soubera, nem mesmo em suas premonições desse evento futuro —, quando da morte do obá sua cabeça é decepada e enviada para Ifé, local de onde viera o primeiro dos *iguneronmwan*, para que, em troca, retorne a cabeça em bronze do obá falecido.

O mestre estava realmente extenuado. Assim que, marcou um outro dia o encontro sagrado entre ele, seu filho e o rio.

À margem do rio Olokun, quilômetros do centro de Benin, na semana seguinte, vestido quase igual a seu pai, trajando roupas brancas, imaculadas, sentaram-se à sombra de um salseiro. Os galhos da velha árvore, porque encarquilhada e grossa, pendiam tocando às águas qual caniços de pescadores, embebidos, sugando do barrento rio a correr languidamente, a seiva que os mantinham viçosos. O rio Olokun era quase uma lagoa. Pai e filho ficaram longamente em silêncio. Nenhum ruído no ar, além do piar de um ou outro pássaro distante. Ali, nem as lavadeiras, com seu cesto sem fim de roupas sujas, podiam ser vistas. Tampouco era tempo das oferendas e das cerimônias de iniciação, de homens, mulheres ou sacerdotisas. O velho *iguneronmwan* escolhera a dedo o local e o momento. Assim que, silentes, reverentes, tementes — ficaram por largo tempo vendo o rio passar. Instante adiante, admirado — parou o nada que fazia —, assombrado — buscou refúgio, numa expressão corporal, a quem o pudesse proteger, mas ninguém o fez —, espantado — Kotou iniciou a ouvir um rumor — não havia ninguém por perto —, um bulício — de onde estaria se originando? —, um troar surdo: era como se o rio houvesse se transformado numa imensa caixa de ressonância. Os olhos do jovem Kotou diferiam dos de seu pai: dele eram esbugalhados, na dimensão do pânico. Grandes bolas, centradas por pupilas de um preto profundo, com micrométricos capilares que, juntos, davam um tom avermelhado ao morredouro dos globos de ver. Eram, os olhos de Kotou, o espelho de uma pequena alma em estado de total perplexidade. Os do pai, caídos, voltados para o rio, sem surpresa — eram os olhos de alguém que se encontra com o esperado, sem qualquer novidade, talvez com emoção interior, mas muito profunda, tão íntima que não chegava à porta exterior, das reações faciais, de algum tique corporal, de olhos que, pretos como os do filho, começavam a alterar o brilho, no caminho do baço.

E falou o *iguneronmwan*, mestre dos metais:

— Estou te apresentando, meu filho, ao mundo invisível. Poucos podem ouvir a vida que se contém sob as águas.

— É como aqui em cima, meu pai?

— É como aqui em cima, mas em convívio com Osanobua, nosso Deus supremo.

— Eles têm casas e lutam em guerras?

— Não lutam mais e não têm casas, do jeito que temos... Mas continuam sendo os chefes de nossas famílias.

— E por que o ruído vindo lá de baixo?

— Porque os outros deuses, os espíritos dos ancestrais, o espírito dos que partem cedo, todos estão junto a Osanobua..

— Olokum... vamos vê-lo?

— Haverá o tempo que tu estarás com ele, mesmo sem haver partido em uma das desencarnações porque passamos. Quando estiveres produzindo alguma obra especial, Olokum, o deus das águas, vai sair do grande rio e vai estar contigo.

Com quatorze anos, Kotou já havia ouvido versões diversas das perguntas que fazia naquele momento a seu pai. Conversara sobre este assunto com os demais companheiros, especialmente Ovonramwen, o futuro obá, predileto de Emotan, a sacerdotisa. Mas nunca ocorrera de estar à margem do rio, tampouco com seu pai e muito menos com a materialização das histórias mal contadas: no fundo do rio viviam os deuses, os ancestrais, que eram uma espécie de divindades, pelo menos para cada grupo de famílias e, assim, concebidos pelo sistema cultural, e que, como na terra, valiam-se dos tambores como veículo de suas manifestações divinas. Onde estivessem os espíritos, também se faziam ouvir os tambores.

— É Olokum maior que Osanobua, nosso Deus? Indagou o jovem, esperando resposta para uma das muitas questões teológicas que se constituíam em ponto de debate entre seu grupo. Afinal, seu universo espiritual era dividido em dois e havia uma quantidade imensa de divindades, onde se incluíam até mesmo os antepassados.

— Há um ditado antigo que diz é possível alguém gerar um filho mais poderoso do que o pai.

Explicava o mestre o ensinamento tradicional segundo o qual Deus gerou um primeiro filho, e deu-lhe o nome de Olokum. Com o crescimento desse, passou-lhe todos os encargos do dia-a-dia, como questões da fertilidade, saúde e progresso material. Na visão, pois, de nossos povos, Olokum tornou-se mais importante do que seu criador.

O mestre dos metais, então, pediu ao filho que ficasse em total silêncio e com os olhos fechados. Um instante após, Kotou pode sentir que o ruído vindo do fundo do rio Olokum tornara-se o som de um gigantesco festival. E antes que abrissem os olhos deu uma última explicação:

— Algumas pessoas quando vêm ao rio, num momento de paz como este, podem ouvir o som dos tambores das almas dançando no reino das águas. Então, Olokum põe para secar, na margem do rio, peças de latão, conchas de calcário e contas de coral. Com todo o seu poder, não se importará com que as levar. Conta a história que assim se iniciou o tesouro dos obás, no princípio dos tempos.

Kotou abriu os olhos antes que o pai o fizesse e, maravilhado, viu a seu lado algumas das peças de Olokum, secando ao sol.

Juntaram as oferendas, e, a passos comedidos, sem palavras para trocarem, os dois se afastaram dos chorões, marcharam pela clareira imediata à margem do rio, embrenhando-se primeiro numa densa mata. Empreenderam uma jornada de meio dia antes de chegarem aos portões principais da cidade de Benin.

Os meninos moradores da casa real e das casas de hierarcas, liderados naquela geração pelo futuro obá e seu irmão mais velho, além de outros meio-irmãos dos herdeiros, estavam prontos para o ritual de iniciação, quando passariam de um para outro estágio da vida — iniciariam a vida adulta.

À véspera do primeiro dia de um ciclo completo de iniciação, a durar por mais de uma semana, com conseqüências que poderiam chegar à morte por gangrena ou infecções incontroláveis e que, em alguns casos, se estendiam para o resto da vida, Emotan, a sacerdotisa real, juntou-se a Ovonramwen. Ela, como o mestre, também vestia-se de imaculado branco — a cor predileta de Olokum, representativa da pureza — e com ele, apenas com ele, caminhou até um determinado canto do terreno do palácio real onde começou a obrar um montículo de barro. Ao mesmo tempo em que atuava como uma industriada oleira, executava uma seqüência de rituais até que, pronto o pequeno outeiro, nele inseriu uma baliza de madeira com uma pedaço de pano, quase parecendo uma bandeira. E disse:

— Este é o teu *bará*. Talvez o caminho na seja o mais suave, aquele que terás de trilhar como obá, mas vais abrir sendas para novos tempos. É o que determina Osanobua.

Obasanjô estava agora em Ughoton, a fim de participar da descarga do carregamento de fumo que havia chegado do Brasil, do qual era o principal intermediário e retalhista. O importador era um ex-escravo brasileiro, velhocomerciante que enriquecera já no Brasil, comprando sua liberdade e passando a integrar o comércio forte que se estabelecera entre a Bahia e à Costa dos Escravos. Assim que, além de fumo vinha, sim, uma grande lote de panos da Costa, que iriam desaparecer numa operação de camuflagem tão pronto o navio, de nome *Destemido*, atracasse no porto.

Obasanjô era um tipo de personagem, absolutamente característico, que se tornaria muito popular na costa africana; parecia vestir uma máscara a esconder, atrás da face, uma personalidade sinuosa, capaz de fazer coisas pouco recomendáveis, para atingir seu objetivo de viver bem. A palavra antiga, de origem desconhecida — os de Gana dizem que surgiu na Nigéria, ocorrendo o contrário, face à rivalidades que se perdem no tempo —, retrataria este tipo de personagem: *kalabule*.

Assim Obasanjô, neste momento, no exercício de sua perfeita condição de *kalabule*, na casa de um rico comerciante inglês, fazia a seguinte ponderação, tendo em seu colo — estúpida, mas esplendidamente constituída; uma imagem que não escondia, nua como se encontrava, qualquer curva, arredondamento, saliência e até reentrância anatômica — uma jovem prostituta:

— Você vai ter o pano que precisa, mas tem que ceder o fumo.

— Não vou ceder qualquer coisa, endureceu o inglês.

— Vai sim, o fumo eu destinei ao representante do chefe de Benin, que como você está cansado de saber, é o negociante do obá.

Mentia com a impunidade nascida da falta de alternativa para o inglês de confirmar as assertivas do homem à sua frente, com o monumento feminino a seu colo, que apesar da incotestável beleza plástica do corpo e, também da preciosidade do rosto, tinha-o suado, naquela tarde excepcionalmente quente de um dia da estação das chuvas, quando a umidade do ar, somando-se ao calor, fazia as pessoas literalmente verter água pelos poros. Obasanjô não se importava com o detalhe sudorífico, entretinha-se passando sua mão por qualquer das partes expostas da mulher, misturando o prazer de mentir, enganar, com o da carne.

— E tem mais uma coisa, prezado senhor — acrescentou com fingida afetação, para o título que empregou — posso conseguir aquilo que você realmente quer e vai representar um grande negócio não aqui, nessa pegajosa e fedorenta Ughatom, mas lá na sua terra fria.

— E o que é? — Indagou o inglês, mudando a posição na cadeira em que se encontrava e apanhando, num tique nervoso, o cachimbo de forninho apagado.

— A licença para vocês instalarem uma escola religiosa pertinho daqui, onde vocês escolherem, mas fora de Ughoton.

— E quem vai dar a licença?

— Ora, o obá!

— Ele já negou antes.

— Mas vai conceder.

— Por que você tem tanta certeza?

— Porque uma de minhas mulheres, você sabia?, é filha do prefeito de Benin.

O inglês não era um tolo, afinal, já estava alí há décadas, tanto que naquele momento falavam utilizando a língua nativa, o edo. Assim que duvidou enfaticamente, primeiro do relacionamento alegado. — Você é um iorubano, revidou, num embargo, o inglês. Portanto, não está casado com filha nenhuma Obayemi.

— Que ousadia, oh, lorde, desacreditar de minha palavra! — Exclamou com zomba na voz o comerciante, livrando-se do fardo que começava a cansá-lo: a mulher pelada. Ela literalmente tombou no chão, recuperando-se em seguida e ficando com uma expressão vazia, os olhos perdidos mirando adiante, os seios empinados, ofegante e pronta para que ele fizesse dela o que desejasse. — Tenho uma das mulheres minha casa, em Benin, que é filha do Obayemi. E posso arranjar o que seu governo tanto deseja.

Não era tolo, o inglês, pois superada a primeira dúvida, que ele não engolira de todo, permanecia a segunda: — Da importância zero que a maioria das mulheres tinham no universo dos edo. Fora a rainha, que não raramente era mais importante do que o obá, e de algumas mulheres da religião, sobrava em importância e que, portanto, era ouvidas pelos homens, umas grandes comerciantes; mulheres que com habilidade comandavam os mercados, chefiando

hordas de vendedoras, ajustando compras com comerciantes, importadores e exportadores, mantendo conexões, mesmo, na intrincada trama do comércio de escravos. Fora estas, sabia bem o negociante inglês, que agora espichava seu braço, fazendo sua mão bolinar a bunda semi-encoberta com uma espécie de tanga, de outra mulher, que se aproximara do local onde estava, e ficara de costas para si, apanhando algo numa prateleira — as demais eram como aquilo ali, ou então, como submissas mães de família, despreparadas quanto a qualquer tipo de conhecimento, que não as tradições, rezas, remédios e festivais. Portanto, concluiu pensando, mesmo que fosse verdade que ele, iorubano, estivesse casado com uma das filhas de Obayemi, ela jamais teria trânsito junto ao pai para pedir algo, sem levantar suspeitas de que um homem qualquer, quem sabe seu marido, estaria por detrás.

— Façamos o seguinte — tentou fechar o assunto, o inglês — você consegue o que diz que eu desejo. Ótimo, como você sabe que é importante... e eu respeito a sua capacidade de saber as coisas que as pessoas realmente necessitam... assim, consiga o que diz que pode conseguir e nós pagaremos o preço que você solicitar. E será mais do que pano da Costa — *be sure indeed* — mudou para o inglês a expressão “pode crer”.

— Outra coisa — falou Obasanjô, dando a impressão de que iria contra-argumentar, porém mudou de assunto — o *Destemido* é um navio moderno, é capaz de carregar até seiscentos escravos, num movimento financeiro da ordem de 15 a 20 mil libras esterlinas.

— E quem é o armador?

— Um mulato brasileiro, André Pinto da Silveira. Ele tem casa aqui, mas vive mais na Bahia. Mas este é um finíssimo *kalabule* elogiou Ongudelê ao brasileiro. Vê só, meu caro lord, o *Destemido* pode usar a bandeira do Brasil, mas também a da Argentina. Ele tem documentação legal nos dois países. E mais outra coisa, meu lord, o brasileiro comprou recentemente a canhoneira argentina *General Rondeau*, com uma maravilhosa capacidade de combate.

O inglês encolerizou-se com a informação derradeira, pois a Marinha Real de seu país se empenhava, naqueles anos, no combate ao tráfico de escravos, apreendendo navios, não importando de que bandeira, que carregassem escravos. O brasileiro, assim, além de comerciante tinha sua própria marinha de guerra, ainda que composta de apenas um navio.

Mas resumiu sua raiva, aparente na vermelhidão extra de seu rosto, naquele instante, a uma outra expressão em inglês que significa “que vergonha!”.

Obananjô gostou da cólera do inglês e resolveu magoá-lo mais um pouco:

— As histórias correm o mundo, sabe meu lord, e os brasileiros tem uma capacidade grande de fazer vocês ficarem de cara vermelha...

— *Oh, yes!* Assentiu contrariado o inglês.

— Vou contar a lord essa história, mas antes, cadê Azaiguen? — Era uma referência à prostituta que há pouco caíra de seu colo e que, em meio à conversa alheia a seu universo, escafedera-se, buscando frescor próximo à uma porta traseira da ampla sala onde se encontravam. — Azaiguen! — Gritou bem alto. Em segundos, novamente a mulher estava a seu lado, mas não sentiu-se no colo, ficou sentadinha a seu lado, qual um objeto de estimação. Desabusado, fixou o olhar em seu companheiro de conversa, enquanto as mãos escorregavam para deslizar sobre a pele oleosa, brilhante, mas sensual de um dos seios da prostituta. Falou, entremado de exclamações que correspondiam ao agrado que lhe causava a história em si e ao desagrado do inglês:

— Uma tal de barca *Maria da Graça* foi apresada, com a bandeira de Portugal, pelo navio H.M. S. Snake — então, depois de citar o nome do navio, fez ressoar o significado das iniciais: “navio de sua majestade”... — e rindo para a rameira, acrescentou: — “cobra”, “*sanke*” veja. Já que a ordem, contida na expressão do parceiro, era para rir, ela riu. E ressaltou: “cobra, hein?” Pois bem, no *Maria da Graça*, — nome pronunciado com dificuldade, porque português e com afetação, pois inserido no deboche — estava com carregamento completo de escravos, uns quinhentos ou seiscentos. O navio e a carga foram parar perto do porto da Bahia, pois houve uma disputa de jurisdição entre as comissões que existiam no Rio de Janeiro e em Serra Leoa, quando aos direitos de apreensão de navios. — Fez uma pausa Obasanjô e indagou ao inglês: — O lord sabe o que aconteceu com a carga?

— Não.

— O navio foi considerado como estrangeiro e a carga toda posta no porto da Bahia, pois mesmo que os proprietários fossem brasileiros mais do que conhecidos, numa empresa que tinha como sócio um judeu de Liverpool.

— De Liverpool, não, impossível — disse o inglês aparentando uma sinceridade, àquela sinceridade que é fruto de um nacionalismo construído pelo Estado, que impede as pessoas comuns de entenderem os interesses que se ocultam sob a bandeira pátria.

— De Liverpool — voltou a sublinhar Obasanjô — concluindo a história. E estavam se preparando, o brasileiro e o inglês, judeu, para processar à Coroa por uma apreensão anterior, nas mesmas bases...

Era um encontro desses sem tempo nem razão, além do ajuste comercial que foi feito logo em seguida. Portanto, Obasanjô continuou contando histórias que ouvia aqui e ali sobre aqueles tempos de comércio humano e deixou verdadeiramente perplexo aquele, em alguns pontos, ingênuo inglês ao explicar o que era testa-de-ferro. Deu um exemplo: o navio *Esperança*, contruído recentemente em Baltimore, nos Estados Unidos e que passou por aqui faz algum tempo, tem como proprietário um homem chamado João Gomes de Souza. Ele é um marinheiro raso, não tem qualquer recurso. Os proprietários, para não se envolverem no tráfico usam o nome desse marinheiro, mas são belgas, franceses e comerciantes brasileiros.

O inglês, suando às bicas, bebericando de seu gim, ficou ouvindo as histórias de Obasanjô até a noite cair e seu parceiro de comércio resolver ir embora. Atirou um pano da costa por sobre Azaiguen e arrastou-a porta afora.

Ainda outra vez falhou o sentimento inglês, na leitura do comportamento das pessoas e da sociedade beninense. Tempos depois, Obasanjô apareceu em sua casa. Era um outro homem. Não que houvesse mudado de vida ou de estilo de agir, senão que encenava mais outro personagem na sua galeria de um *kalabule* bem sucedido. Vestia-se com um europeu do século dezenove e movia-se sem a graça do andar descontraído do africano. Ele queria parecer um metropolitano.

O comerciante inglês, Skidmore era seu nome, recebeu com alguma surpresa o visitante, acolhendo-o com alguma forma de mesura, como se estivesse recebendo um britânico como ele próprio. O fato de as saudações à porta serem em inglês não serviram de

moldura extra para aquele encontro, afinal, jocosamente, Obasanjô ao adentrar noutras visitas àquele ambiente, dizia “*How do you do?*” ou coisas do gênero. Surpresa foi quando, após sentarem-se, em impecável inglês, com certo sotaque impulsionado pela língua nativa subjacente, informou:

— Diga a seu rei — ele estava impecavelmente sério, mesmo que no íntimo gozava com sua assertiva, pois sabia que aquele peão, mesmo rico, jamais chegaria perto do rei ou da rainha da Inglaterra — que ele pode mandar seus religiosos para as proximidades de Ughoton, haverá uma terra disponível para eles, cem quilômetros a sudeste daqui.

Perplexo, sem dúvida, o inglês balbuciou formal como nunca:

— Como o senhor conseguiu isto, *my lord!*

Não foi também desta feita que o pose de Ogundlê ruiu.

— Bom, senhor, não posso naturalmente acrescentar mais do que disse, quando garanti que conseguiria. Portanto, vamos ao outro lado da moeda.

— Por certo! — balbuciou o perplexo britânico. — E vermelho qual um certo tipo de pimenta muito usado na região, se desculpou:

— Não tenho o que oferecer...

— Mas eu tenho o que pedir. Aliás, foi este o trato, ou não?

— Sim, foi este o trato.

— Pois bem... o negócio não está concluído — surpreendeu Ongundelê ainda outra vez a seu interlocutor — e só estará quando o senhor trazer uma resposta de seu soberano, lá em Londres. Aí, neste momento, eu faço a conexão final em Benin e tudo ficará ajustado. Mas não perca tempo... estas coisas às vezes mudam, basta que mude algum peão no tabuleiro, ou melhor — então, apenas sorriu, pela primeira vez — peão não, um rei!

Os pesos e contra-pesos de um sistema que envolvia um delicado relacionamento, com movimentos lentos e muito bem calculados, tornavam-se aparentes no momento em que o inglês ouviu o pedido:

— Um carregamento de mil armas, iguais às que o obá foi presenteado pelo Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, mais munição.

A fala de Ongundelê, apesar do que aparentava naquele momento era nada mais do que a pessoa de Eyo Akpo, soando através da máscara Obasanjô, repercutindo o pensamento de Obayemi, na defesa de sua sociedade. Era o *uzuma* agindo, o obá nada sabia.

Obasoyen, o chefe da cidade de Benin, apanhou da caneca de barro, sua predileta por muitos e muitos anos, e sorveu, como sempre com o prazer repetido, do chá que um dia Emotan lhe receitou. Olhou para o lado — ele estava na casa da mais jovem de suas mulheres —, e depositou a caneca sobre um aparador. Fixou bem o olhar em Adnaloy, e sem intenção de assim agir, fixou-se no corpo desnudo da mulher. Ela se havia posto na ponta dos pés para poder alcançar uma espécie de bule. Na posição em que Obayemi se encontrava, podia ver com precisão de detalhes a esposa e seu perfil, de alto a baixo. Podia constatar seu corpo, para ele, sempre jovem. Agora, Adnaloy era gorducha, mas com o mesmo rosto arredondado, feição juvenil, descontraída, a fôrma que conheceu; roliço era seu corpo, mas rijo, sem carnes flácidas nem caídas, ideais, no gosto de Obayemi, para tocá-las levemente, tão levemente que fazia milhões de pequenas bolinhas aparecerem, em arrepios de prazer indescritível. Os seios, fartos e empinados alinhavam-se, na perspectiva do olhar de Obayemi, como dois outeiros enfileirados, com os mamilos a indicar o acme. O ventre não escondia a cintura de vespa que nunca tivera, era praticamente o mesmo de outrora. As nádegas — ah!, as nádegas que o enfeitiçaram tempos atrás, com seu gingar sensual, tanto na dança ritual das mulheres, quanto no simples ir e vir de um para outro canto da cidade, elas geraram o impulso que o fez levá-la para seu harém — alí estavam, qual dois montículos de argila, alisados pelas mãos de um exímio oleiro. Desceu o olhar, o velho prefeito, para admirar coxas bem torneadas, sem saliências e reentrâncias das celulites. As pernas, entre os joelhos e os pés, mostravam canelas curtas e descarnadas, com potentes músculos nas panturrilhas, destoando do aspecto arredondado de todo o corpo, e eram curtas; não fora esse detalhe, ela seria uma mulher alta. Obayemi levantou os olhos para admirar a pele esticada do rosto, que via em apenas uma metade, a dar-lhe um aspecto saudável. Naquele momento, espontânea, olhada pelo marido de certa distância, mostrava-se Adnaloy na exuberância de uma mulher ficando madura. Como o pêssego no momento de ser comido, sem reclamações pelo mais exigente admirador dessa fruta. A cor da pele de Adnaloy diferia em muito das demais mulheres: por algum acidente genético, ou de outra ordem, sua pele tinha o tom do pêssego. Quando Adnaloy nasceu houve rumores de um relacionamento inter-racial de sua mãe com um holandês. Nada ficou comprovado, e Adnaloy cresceu diferente das outras meninas, até mesmo no pentear, face à textura de seu cabelo, mas não virou jamais objeto de chacota, como sói acontecer nalgumas

nações africanas, ou de respeito religioso noutras, como ocorre com crianças que nascem albinos. O velho teve vontade de levantar-se e passar sua mão pelo corpo de Adnaloy, do rosto até às nádegas, alisando em especial a extensa cadeia de pequenas montanhas dos ossinhos da coluna vertebral — e sentir se, em verdade, aquele corpo mantinha, naquele instante, a suave maciez da pele de pêssego. Continuou a espreitar a mulher que se demorava na mesma posição, quando se deu conta: aos setenta e dois anos de idade, estava, na contemplação de Adnaloy, em plena ereção e, também, que ela era já uma mulher de quarenta e oito anos.